

Culturas jovens



Editorial

O tema de capa desta penúltima edição da revista *IHU On-Line* deste ano é inspirado na recente publicação do livro *Culturas Jovens. Novos Mapas do afeto*, organizado por Maria Isabel Mendes de Almeida e por Fernanda Eugenio, editado pela Jorge Zahar.

Maria Isabel Mendes de Almeida, entrevistada nesta edição, afirma que “as novas formas de sociabilidade e afetividade dos jovens vêm se pautando pelo experimentalismo”. A psicóloga **Helen Gonçalves** fala sobre a questão sexual entre os jovens, tema também desenvolvido por **Miriam Goldenberg**; a psicóloga **Denise Portinari** e a publicitária **Fernanda Coutinho** abordam a questão da moda. Já **Francisco Ortega** afirma que “o corpo ocupou o lugar do outro. Ele é o outro, nosso parceiro e confidente privilegiado. É por isso que o interesse pelo corpo gera desinteresse pelo mundo”. O cientista social **Gilberto Velho** analisa o jovem contemporâneo, baseado no conceito de multipertencimento.

O *Caminho para Guantánamo* é o filme da semana. Imperdível para quem acompanha os acontecimentos do mundo, hoje.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Maria Isabel Mendes de Almeida: As novas formas de sociabilidade e afetividade nos jovens

PÁGINA 05 | Helen Gonçalves: Comportamentos afetivo-sexuais dos jovens

PÁGINA 10 | Denise Portinari e Fernanda Coutinho: Ser homem ou mulher é uma questão em aberto

PÁGINA 14 | Francisco Ortega: O corpo como última utopia

PÁGINA 18 | Miriam Goldenberg: Aproximação entre homens e mulheres é uma das maiores modificações da sexualidade

PÁGINA 20 | Gilberto Velho: O multipertencimento e os jovens do mundo contemporâneo

PÁGINA 22 | Carlos Alberto Máximo Pimenta: Um sonho distante

B. Destaques da semana

» LIVROS DA SEMANA

PÁGINA 24 | KÜNG, Hans. Projeto de ética mundial. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Paulinas, 1992. --- Uma ética global para a política e a economia mundiais. Petrópolis: Vozes, 1999.

» ENTREVISTA DA SEMANA

PÁGINA 31 | Pierre Sanchis: O campo religioso será ainda hoje o campos das religiões?

» ARTIGO DA SEMANA

PÁGINA 36 | Julia Kristeva: Necessidade de crer. Um ponto de vista laico.

PÁGINA 38 | FILME DA SEMANA

PÁGINA 42 | TERRA HABITÁVEL

PÁGINA 42 | DESTAQUES ON-LINE

PÁGINA 46 | FRASES DA SEMANA

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 48 | Direito Natural, Ética e hermenêutica

PÁGINA 48 | Sala de leitura

PÁGINA 49 | IHU Repórter

As novas formas de sociabilidade e afetividade nos jovens

ENTREVISTA COM MARIA ISABEL MENDES DE ALMEIDA

Na opinião da socióloga Maria Isabel Mendes de Almeida, “as novas formas de sociabilidade e afetividade vêm se pautando pelo experimentalismo cada vez maior, encarnado em situações como o ficar”. Além disso, acrescenta, “a importância do grupo na socialização do jovem nunca foi tão expressiva e ela se estende com muita força no campo das relações on-line”. Essas e outras declarações exclusivas foram concedidas à IHU On-Line por e-mail. Almeida é professora na Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro. Coursou Sociologia e Política na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), mestrado e doutorado em Sociologia na Sociedade Brasileira de Instrução (SBI/IUPERJ), no Rio de Janeiro. Sua tese intitula-se Subjetividade e Ciências Sociais: autores/sujeitos/interações - Uma abordagem teórica e relacional. Junto de Fernanda Eugênio organizou a obra Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro Zahar, 2006, na qual publicou o artigo “Zoar” e “ficar”: novos termos da sociabilidade jovem. É uma das autoras da obra Noites Nômades - Espaço e Subjetividade nas Culturas Jovens Contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003 e escreveu os livros Maternidade: um destino inevitável? Rio de Janeiro: Campus, 1987 e Masculino/feminino: tensão insolúvel - sociedade brasileira e organização da subjetividade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. Na edição 71 da IHU On-Line, de 18-08-2003, concedeu a entrevista Guerreiros da night. Para conferir a entrevista, basta acessar o site do IHU, www.unisinos.br/ihu.

IHU On-Line - Quais são as novas formas de sociabilidade e afetividade nos jovens de nossa sociedade? Há diferenças entre aqueles dos grandes centros urbanos e os do interior?

Maria Isabel Mendes de Almeida - Essas diferenças ancoram-se fundamentalmente na questão da persistência, ainda, de um certo conservadorismo maior no interior do País, versus os grandes centros urbanos. Ainda assim, os avanços tecnológicos e midiáticos vêm reduzindo essas diferenças. As novas formas de sociabilidade e afetividade vêm se pautando pelo experimentalismo cada vez maior, encarnado em situações como o “ficar”, por exemplo, além disso, a

importância do grupo na socialização do jovem nunca foi tão expressiva e ela se estende com muita força no campo das relações online.

IHU On-Line - Expressões como “zoar” e “ficar” representam que tipo de subjetividade juvenil? Qual a importância do aspecto “efêmero” nessa questão?

Maria Isabel Mendes de Almeida - Procuo demonstrar que os jovens hoje reproduzem nas suas relações afetivas o que realizam em suas relações espaciais, onde é comum “habitar a trajetória”, fazer do deslocamento um fim em si. Dessa forma, destaca-se um padrão de relações nômades e transitórias que, em um certo período da vida, predominam neste universo. No

entanto, é curioso observar, ao mesmo tempo, que, quando as relações de namoro se instalam, elas vêm assumindo uma feição de "casamento", sem qualquer mediação entre os membros do casal. Isso ainda merece um estudo mais atento de suas implicações.

***IHU On-Line* - Como se dá o processo de construção da identidade na juventude contemporânea?**

Maria Isabel Mendes de Almeida - Tal construção vem sendo regida por processos que acentuam o domínio do "estar", da presentificação, versus o domínio do "ser", configurando novas ontologias do ser, muito mais voltado para a intervenção imediata no real, - é o registro implacável do "estar lá" com os amigos e a galera, - do que qualquer preocupação com a dimensão reflexiva da existência.

***IHU On-Line* - Que modelo "ideal" de sujeito o jovem tem, no sentido de se espelhar para sua formação como sujeito social contemporâneo? Quais são os valores do jovem hoje?**

Maria Isabel Mendes de Almeida - O valor central hoje é o da competência, da capacidade de lidar com os acontecimentos da vida de modo pragmático e objetivo, sem delongas, procurando a via de acesso mais curta para o sucesso visível e imediato. Sem sofrimentos e sem complicações.

***IHU On-Line* - Quais os principais desafios nos estudos sobre a juventude hoje?**

Maria Isabel Mendes de Almeida - Seria a necessidade de nos debruçarmos, nós, pesquisadores, sobre as novas

estruturas da subjetividade que hoje vêm despontando. Procurar, por exemplo, encontrar vias de acesso e compreensão das novas formas de expressão e comunicação dos jovens que, em sua maioria, não mais se dão através das modalidades narrativas discursivas tradicionais. Muitos deles apresentam dificuldades em descrever situações, explicá-las pelo discurso, impondo-nos a busca de padrões alternativos de compreensão destas subjetividades. O raciocínio imagético e o corporal despontam como novas pistas desse funcionamento e deste imaginário.

***IHU On-Line* - Como foi a experiência de organizar o livro Culturas jovens. Novos Mapas do Afeto? O que a obra traz de mais interessante para o debate sobre a juventude?**

Maria Isabel Mendes de Almeida - O livro procura refletir sobre esses novos padrões de funcionamento e organização da subjetividade jovem, sobretudo nos setores médios de nossa sociedade. Trabalha com várias questões chave nesta direção, desde a temática da gravidez adolescente, da Aids, da relação com o mundo da mídia e dos fãs, passando pelo jovem traficante até as novas formas de amar e de relacionar-se com os gêneros. São trabalhos resultantes de pesquisas e de longo amadurecimento sobre esse tema no campo das ciências sociais.

Comportamentos afetivo-sexuais dos jovens

ENTREVISTA COM HELEN GONÇALVES

“Sociocultural e historicamente, exigir proteção sexual implica desconfiança”, constata a psicóloga Helen Gonçalves em entrevista por e-mail, exclusiva à IHU On-Line. Graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), Gonçalves é mestre e doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sua tese leva o título Aproveitar a vida: um estudo antropológico sobre valores, juventudes e gravidez em uma cidade do interior. Autora do livro Peste branca: um estudo antropológico sobre a tuberculose. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002, escreveu o artigo Juventude na era da Aids: entre o prazer e o risco, parte da coletânea organizada por Maria Isabel Mendes de Almeida e Fernanda Eugênio, intitulada Culturas juvenis: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. Confira, a seguir, a entrevista em que ela fala sobre a juventude e as doenças sexualmente transmissíveis, em especial a Aids.

IHU On-Line - O que a epidemia da Aids mudou no comportamento da juventude? Quais foram os impactos na sociedade?

Helen Gonçalves - Ressalto que pensar na juventude como algo homogêneo é um problema, mas vamos tentar amenizar isso, falando de comportamentos afetivo-sexuais de homens e mulheres mais recorrentes, embora devêssemos falar deles considerando os distintos segmentos sociais. A Aids é um bom exemplo de que ter conhecimento pode não ser suficiente para alterar o comportamento; o prazer desconsidera perigosamente a possibilidade de vir junto o adoecimento. O que se observa no segmento jovem é que há uma maior aceitação da camisinha masculina como um método que protege não só das ISTs (infecções sexualmente transmissíveis), mas também da gravidez (tão valorizada). Entretanto, isso não significa que eles usem para ambas. Em Pelotas, por exemplo, em 2004-5, quando jovens com 22 anos foram questionados sobre o uso de “condom” na sua primeira relação sexual, observou-se que cerca de 53% dos homens e 47% das

mulheres afirmaram ter usado - isso ainda é muito pouco. O uso na última relação sexual não difere muito, 52% para homens e 37% para mulheres. Se pensarmos em impacto social, temos aqui uma necessidade maior de educação para saúde e uma postura menos inibida e machista dos pais para ensinar e alertar os filhos e filhas desde muito cedo, visto que a média de iniciação sexual no Brasil é de 14,5 entre os meninos e 15,5 anos entre as meninas.

Pontuando algumas mudanças, ter o “condom” (portá-lo na carteira, bolso ou bolsa) passa a demarcar o início da atividade sexual (ou pelo menos o desejo), quase como uma identidade de não ser mais criança e mostrar-se mais maduro neste aspecto. Isso é algo que só ocorreu pós-Aids. No que se refere às diferenças de gênero ainda temos um poder diferenciado na esfera sexual, com desvantagem para as mulheres. Elas são mais vulneráveis por várias razões. Uma delas é que as mulheres, especialmente as jovens, devem mostrar-se como “direitas”, não “galinhas”, o que significa ser ignorante e passiva sexualmente. Ainda se dá muito valor à

virgindade vaginal - ao contrário dos homens, que, quanto mais “ganhões” são mais masculinos, viris. Portanto, se ela no início de uma relação propõe que ele use camisinha, pode ser considerada promíscua, não confiável e já experiente. Infelizmente, o preservativo, como destacado no livro, continua a ser uma experiência mais masculina do que feminina. Há muita vergonha entre os jovens para dialogar sobre proteção e sexo.

Assim sendo, essas representações impedem o uso continuado/regular do “condom” em todas as relações. Neste ponto, outro aspecto comprova a descontinuidade de uma proteção efetiva. Mesmo naqueles casos em que houve uso nas primeiras relações, quando ela passa a ser classificada como estável, há uma tendência ao abandono do uso regular, pois pode significar preocupações com possíveis infidelidades ou uma ofensa para a parceira. Sociocultural e historicamente exigir proteção sexual implica em desconfiança.

IHU On-Line - O que os jovens pensam sobre o uso de preservativo? Eles entendem a importância da prevenção?

Helen Gonçalves - Em tese, os jovens sabem que devem se proteger. No entanto, na prática usar o “condom” ou a camisinha feminina não é uma questão tão simples. Uma parte dos motivos que levam à irregularidade ou não-uso foi mencionada na resposta anterior. Atualmente, persiste, em diferentes contextos sociais, a idéia de que o “condom” torna a relação sexual menos natural, isto é, tem que pensar em doença durante o envolvimento sexual, amoroso e/ou afetivo. Mas, se fosse só pensar seria mais fácil para a prevenção e controle das ISTs. No entanto, colocar em prática o que se sabe (que às vezes não é muito) é que passa a ser um problema. Ter que se proteger, agir, se impor e ter autonomia e liberdade para dizer não, quando um parceiro/a não quer se prevenir, requer uma postura que nem sempre condiz com a que socialmente é representada pela juventude. Uma representação social

forte é a de que os jovens têm muitas relações efêmeras, pouco estáveis e desejos incontrolláveis - a prática do ficar ajudou a manter e a incrementar esta imagem -, porém esse comportamento não é generalizável e deve ser desconstruído. Esse tipo de representação ajuda a perpetuar a “juventude” como transgressora e problemática, muito atrelada ainda aos aspectos teóricos psibiológicos e etários.

Mas não é raro ouvir: nem pensei em nada, ela não vai engravidar, ou mesmo, eu não tinha na hora e não ia deixar passar - em alguns contextos a prática e o aprendizado da sexualidade estão desvinculados do risco por estarem mais presentes os valores mais tradicionais de gênero, ou seja, a mulher se submete, e o homem deve provar sua virilidade, tem “necessidades” que devem ser satisfeitas sem perder a espontaneidade. A desigualdade das relações entre homens e mulheres ressalta as vulnerabilidades sociais e influenciam a prevenção.

Saber compartilhar a responsabilidade por sua saúde e pela do outro é uma questão que os jovens (e muitos adultos) têm que aprender. Há muitos preconceitos que é preciso experimentar e vencer. Independente da idade, o uso do preservativo implica negociação em algum nível. Portanto, esse pré-requisito pontua outras razões para o não-uso, como medo de parecer mais inexperiente ou desconfiado, perder o parceiro, parecer inseguro/a etc.

Sobre o que os jovens entendem por prevenção, primeiro devemos nos perguntar o que é entender? Se entender, é saber que a Aids é uma ameaça e que, para preveni-la, é melhor se proteger, a resposta é sim, eles entendem e não, eles não conseguem se prevenir 100%. O Brasil tem realidades juvenis bem distintas; o acesso e as barreiras para uma prevenção não são iguais em uma mesma sala de aula. Além disso, a escolaridade da mãe e do jovem tem se mostrado como um fator associado ao maior ou menor uso de preservativo. Os menos escolarizados desconhecem mais da transmissão e da

prevenção do que os com maior graduação escolar, cuja mãe também tem mais anos de estudo. Em síntese, são muitos fatores que vão determinar quando, como e com quem o uso do preservativo é adequado.

IHU On-Line - Como a sexualidade é tratada nas famílias de hoje? O que está acontecendo? Existe mais diálogo entre pais e filhos, ou não?

Helen Gonçalves - A sexualidade é um assunto que mobiliza as famílias. Como as classificações das sexualidades em grupos - feminina, masculina, infantil, adolescente - são advindas dos saberes biomédicos, psicanalíticos e sociais, é de esperar-se que a sexualidade se constitua como um campo a ser controlado e categorizado em nome da “saúde”. A primeira transa, as experimentações com diferentes parceiros/as são eventos demarcadores da transição de uma fase a outra da vida, assim como o ingresso na universidade, a licença para dirigir, a gravidez, a inclusão no serviço militar, a procura e a admissão no mercado de trabalho, entre outros. Muitos desses eventos ocorrem na juventude, quando os jovens percebem na prática as diferenças socioculturais de gênero, quando elas tornam-se mais explícitas no jogo de sedução e poder entre os sexos. Essas diferenças não são construídas e ensinadas pelas famílias desde tenra idade, portanto, a defesa da desigualdade entre homens e mulheres demonstra que as famílias (não todas) conservam muito dos seus valores sociais.

No estudo realizado em três capitais do país com jovens de 18-24 anos, demonstrou-se que a família, especialmente na figura da mãe, e a escola são as fontes de informação mais mencionadas para o sexo. As jovens, cujas mães conversaram com elas na fase de socialização para a sexualidade, tendem a conversar mais com o parceiro sobre contracepção/prevenção. No entanto, outro estudo encontrou que, particularmente no universo masculino, a importância da família pode ser sentida mesmo nos poucos casos de rapazes que referiram ter

recebido do pai as primeiras informações sobre métodos anticoncepcionais. Nestes, o uso do preservativo na primeira relação sexual foi maior. Pai e mãe são importantes fontes de esclarecimento, desde que se dispam de vários preconceitos para orientar e esclarecer seus filhos. É importante que tenha se criado um espaço possível de diálogo, pena que ele tenha se incrementado pela preocupação com a Aids ou com a gravidez.

Todavia, infelizmente, ainda é recorrente o medo de “tocar no assunto”, pois pode despertar desejo ou maior curiosidade, isto é, estimular quem não devia ser estimulado. Onde é que vamos chegar é o que muitos pais e/ou outros familiares se perguntam quando vêm novos hábitos e costumes sociais e morais se firmando. Talvez seja este um dos motivos que fazem os jovens mais conservadores serem quase esquecidos nos estudos. Eles são, porém, exaltados no interior das famílias, visto que pouca ou nenhuma provocação fazem aos mecanismos sociais mais rígidos no sentido de dar continuidade a eles (‘é um bom moço, sempre ajudou os pais’). No entanto, contrapõem-se a outros comportamentos, mais modernos, dando destaque aos grupos antagônicos, às normas sociais mais estreitas. Quando os meios de comunicação abrem espaço para a juventude como um “grupo” são os comportamentos que ferem a moral religiosa familiar, como os sexuais, que geralmente tomam a frente e se indivíduos como dos serviços que buscam apoiá-los.

IHU On-Line - A família deixou de ser o principal campo de informação dos jovens de hoje? Quem eles procuram para se informar sobre as DSTs?

Helen Gonçalves - Os jovens conversam com amigos e colegas de escola, aprendem nas aulas de ciências, na televisão (propagandas, especialmente na época do carnaval), nas revistas/jornais e internet. Acredito que a família seja uma fonte importante, mas, muitas vezes, ela serve apenas para esclarecimento de aspectos

específicos e não é a fonte principal para a educação sexual, daí aprender em conversas com amigos/as e não ser tão eficiente.

O conhecimento sobre como evitar outras DSTs (câncer mole, condiloma acumulado ou HPV, gonorréia e clamídia, herpes, linfogranuloma venéreo, sífilis, tricomoníase) é reduzido. Não só as famílias, mas também as instituições de saúde têm relegado a outro plano, nas suas campanhas, que além do uso do “condom” em todas as relações sexuais vaginais (e/ou orais e anais), é necessário, para algumas doenças, a higienização dos órgãos genitais após o ato sexual e o não-compartilhamento de objetos íntimos. As campanhas mais populares e a mídia, em geral, dão pouco espaço para esta gama de doenças, como se não existissem ou estivessem sob controle. O foco está na Aids que mata e que vende notícia.

Historicamente, a sexualidade feminina tem sido mais carregada de tabus, deveres e avaliações. De uma forma ou de outra, a identidade feminina esteve mais ligada à maternidade, o que desvincula o sexo nas mulheres da busca do prazer e o une a reprodução, ao contrário dos homens. Especialmente em uma cultura machista, as mulheres devem ser mais cuidadosas, e isso seria importante ressaltar a todos que desejam que suas próximas gerações sejam mais saudáveis e vivam sua sexualidade de outra maneira. O ambiente familiar é um locus fundamental para esta mudança.

***IHU On-Line* - A mídia tem um papel fundamental na construção social da Aids, quais as conseqüências disso?**

Helen Gonçalves - A mídia foi quem informou e caracterizou os movimentos da epidemia, fez a Aids estar no cotidiano das pessoas e denotou sentidos para a doença no decorrer destes anos positiva e negativamente. Um exemplo da força dessa divulgação é o uso fora do meio biomédico da expressão “grupo de risco” para contrair e disseminar.

As conseqüências do poder do discurso midiático têm ramificações em diversas áreas do comportamento e das percepções das pessoas sobre a Aids. Seria complexo falar sobre todas ou mesmo saber quais foram elas e quais ainda são construídas. Talvez as mais importantes e elogiáveis implicações da divulgação e diálogo sobre a Aids, a meu ver, sejam a necessidade da solidariedade e a de fazer valer os direitos dos adoecidos. O tratamento da doença e o programa desenvolvido no Brasil são exemplos deste processo, exigindo do orçamento da União uma fatia de recursos para a saúde dos infectados.

Apesar dos espaços adquiridos na mídia, os desafios ainda persistem, tais como a conscientização da prática do sexo seguro e da adesão à medicação (de portadores) ou aos serviços de saúde. E o maior dele, a meu ver, segue sendo o estabelecimento de relações menos desiguais entre homens e mulheres, homens e homens, mulheres e mulheres em qualquer idade e condição social, incluindo aqui as atuações dos serviços de saúde. A dimensão cultural e moral do sexo é muito forte e, geralmente, acusatória, denegrindo e dificultando todo o processo para a “saúde”, desde a prevenção à transmissão e tratamento.

***IHU On-Line* - Quais são as estratégias acionadas pelos jovens com relação a Aids? Quais os limites e desafios?**

Helen Gonçalves - Os jovens representam uma parcela da população que tem crescido nos números de infectados. No mundo inteiro, 30% de todas as pessoas portadoras de HIV/AIDS têm entre 15 e 24 anos. Segundo a Unadis (Unione Nazionale dei Dirigenti dello Stato aderente alla CIDA), um terço das pessoas que estão infectadas na América Latina são brasileiras. Com relação à população do país, a população jovem (15-24 anos) no Brasil tem representado e variado entre 19-21% do total. Isso por si só é um grande desafio. Soma-se a isso que jovens e adultos estão em interação e que a Aids

não se resume à transmissão sexual, embora eu esteja mais enfocada aqui neste tipo de infecção.

Sobre o contato sexual, a estratégia juvenil mais freqüente e “arriscada”, ante a ameaça da Aids, é a de estabelecer uma classificação da biografia amorosa e da aparência da pessoa com quem pretende ou vai se relacionar mais intimamente. A escolha pelo uso do “condom” durante a atividade sexual, comumente, predomina nos casos em que a pessoa é desconhecida, é um profissional do sexo, ou o local onde se conheceram leva à desconfiança. O preocupante é que essa prevenção passa por uma análise situacional e relacional, muitas vezes envolvendo o que o grupo de amigos pensa sobre determinada pessoa. Isto significa, igualmente, que nem sempre aquele que foi avaliado como do “grupo de risco” permanece nele, pode, com o tempo, mudar sem a confirmação de que não está infectado, pois a idéia de que o risco pode estar sempre muito distante, só com aqueles que permanecem desconhecidos ainda prevalece.

Os limites e os desafios para mudar tal quadro não se resumem na atuação dos jovens apenas. A concepção de sexualidade é restrita nas políticas públicas e está calcada na mudança do comportamento individual, desconsiderando que os comportamentos são socialmente apreendidos e construídos e que as diferenças de gênero orientam decisões em todos os momentos.

Nossas campanhas, ainda que criativas, não dão destaque suficiente para a assimetria de gênero e nem do poder que as jovens (e as adultas) devem ter na suas relações sem prejuízo moral para sua imagem. Durante o trabalho de pesquisa, conversando com jovens, muitas

moças falam da vergonha de buscar “condom” no serviço de saúde, por duas razões basicamente: primeiro, porque os funcionários das Unidades Básicas de Saúde (postos) conhecem sua família e vão “fazer fofoca” e segundo, porque não querem ouvir piadas e ver expressões de deboche ao pedirem camisinha. Ao deixar para o namorado ou parceiro a posse do “condom” a decisão também passa a ser dele e tornam-se extremamente vulneráveis.

Entretanto, este medo ou reserva das moças em irem solicitar camisinha não está fora do contexto da saúde - há desarticulação entre o programa de saúde da mulher com o uso do “condom”. O fato de os homens não possuírem um programa específico na área da saúde sexual, nos serviços de saúde é um ótimo indicativo do tipo de responsabilidade atribuída aos sexos e gêneros. Logo, entre outras possibilidades, as estratégias de prevenção da infecção pelo HIV devem propor reforço da auto-estima, menor assimetria e empoderamento dos mais vulneráveis socialmente.

Outro desafio nacional é trabalhar as quatro principais características da infecção atualmente: interiorização, heterossexualização, pauperização e feminilização. Os jovens neste quadro são fundamentais e seriam ótimos agentes de transformação social, mas para isso teríamos que rever nossas concepções e representações sobre o que é ser jovem.

Ser homem ou mulher é uma questão em aberto

ENTREVISTA COM DENISE PORTINARI E FERNANDA COUTINHO

Para a psicóloga Denise Portinari, docente na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e para a publicitária Fernanda Coutinho, ser homem ou mulher é “ainda uma questão - literalmente, pois é uma questão que sempre permanece em aberto, de alguma maneira, na medida em que é impossível de ser fechada”. As declarações, dadas por e-mail à IHU On-Line, fazem parte da entrevista que segue.

Graduada em Psicologia pela PUC-Rio e especialista em Saúde Mental pelo Centro de Ensino do Hospital Psiquiátrico Pedro II, Portinari cursou mestrado e doutorado em Psicologia pela PUC-Rio. Sua tese chama-se A Crítica Freudiana da Sugestão. É autora de O Discurso da Homossexualidade Feminina. São Paulo: Brasiliense, 1989 e de inúmeros capítulos de livros, dentre os quais destacamos A roupa faz o homem? A moda como questão, escrito em parceria com Fernanda Coutinho e publicado na coletânea Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, organizado por Maria Isabel Mendes de Almeida e Fernanda Eugenio.

Coutinho é graduada em Comunicação Social, Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e mestre em Artes e Design pela mesma instituição. Atualmente, leciona na Universidade Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro. Publicou inúmeros artigos, dentre os quais destacamos o já mencionado A roupa faz o homem? Uma reflexão sobre os jovens, a moda e os processos de subjetivação na cultura contemporânea, com Denise Portinari.

IHU On-Line - Dentro do contexto do estudo de vocês, em específico o artigo A roupa faz o homem? Uma reflexão sobre os jovens, a moda e os processos de subjetivação na cultura contemporânea, como os jovens se relacionam com a moda?

Denise Portinari e Fernanda Coutinho - Acreditamos que o tema das relações entre "os jovens" e "a moda" deve ser abordado por meio de um questionamento inicial sobre a própria noção de "juventude", como forma de subjetividade construída historicamente e incorporada

pelos indivíduos por meio da ação naturalizadora do imaginário. Muito concisamente, podemos dizer que essa categoria - o jovem - foi constituída por diversas práticas e diversos discursos, superpostos e mesclados ao longo do tempo, desde o século XVIII. Ela começa a ser esboçada nos discursos médico e jurídico, aos quais se acrescentam a psicologia, sociologia, e pedagogia dos séculos XIX e XX, sendo apropriada de forma bastante decisiva pelos discursos ligados ao consumo e circulação

de mercadorias desde meados do século XX. É a partir daí que as "relações" entre o jovem e a moda podem começar a ser examinadas. Neste artigo, introduzimos nesse exame um terceiro termo, que é o da lei. O que é a moda, como "legislação", ou seja, como código de regulação dos corpos e das condutas? Quais as relações entre essa categoria, "os jovens", e essa forma de lei? Como isso se articula com as outras formas da lei?

IHU On-Line - Como as características desses jovens se expressam por meio da moda que consomem? Qual é o perfil desses jovens?

Denise Portinari e Fernanda Coutinho - O problema é que, coisas como "a expressão da identidade através da moda", ou um "perfil" associado a certos hábitos de consumo, estamos falando sobre a visada pelo marketing e de outros discursos ligados ao consumo e à circulação de mercadorias, isto é, estamos nos colocando no lugar de quem fala de determinadas premissas, que incluem a naturalização de formas de subjetividade e a crença em uma equivalência entre as categorias subjetivas e as vivências individuais. Portanto, em princípio, só podemos fazer associações entre identidades e perfis, de um lado, e categorias, imaginários e discursos, de outro. O que é preciso evitar aí é toda pressuposição sobre uma correspondência real com os indivíduos.

IHU On-Line - Vocês poderiam definir as diferenças entre a moda verdadeira da moda oficial?

Denise Portinari e Fernanda Coutinho - Não sei se há uma "moda verdadeira". O que há são modismos que surgem mais ou menos espontaneamente, em determinados grupos, e que envolvem toda uma estética (determinadas peças de vestuário, cortes de cabelo, acessórios, tatuagens, gestos, entonações, objetos de uso pessoal etc.). Esses modismos, essa estética, às vezes são apropriados pelo mercado, que os explora e difunde, resultando, via de regra, em uma pasteurização,

uma banalização, um esvaziamento daquilo que poderia ter sido a sua força ou graça originais.

IHU On-Line - Como podemos compreender a liberdade de tendências suscitada pelos editoriais de moda e os códigos específicos de cada grupo, que entendem o uso de algumas coisas como "pagar mico"?

Denise Portinari e Fernanda Coutinho - Os editoriais de moda - que fazem parte daquilo que Barthes chamou de "sistema de moda" - produzem toda uma retórica da liberdade, especialmente no que concerne "os jovens", figura mítica que habita essa mesma retórica. Todavia, a julgar-se pelo que se passa entre os chamados "jovens", os modismos específicos dos pequenos grupos podem ser bastante tirânicos, não deixando espaço para desvios ou divergências. O tênis tem que ser aquele tênis, o cabelo tem que ser aquele cabelo, etc. Os desvios e as divergências acarretam o "pagar mico", ou seja, passar vergonha.

IHU On-Line - Vocês poderiam explicar a afirmação contida no artigo de que o imaginário brasileiro relativo à identidade masculina se ampliou?

Denise Portinari e Fernanda Coutinho - Partindo da premissa de que o imaginário, como bem afirma Portinari, é o registro pelo qual as formas de subjetividades são ofertadas aos indivíduos, que se "colam" a essas formas, podemos afirmar que nos dias atuais há um repertório maior de perfis de masculinidade que são sugeridos aos indivíduos. Portanto, é só comparar a gama de modelos de masculinidade encontrada no dias atuais com os antigos formatos sugeridos pela tradicional sociedade brasileira, que tinha como ideal de masculinidade um modelo menos flexível, digamos assim. Hoje, existe um número infinitamente maior de possibilidades, que podem incluir o uso de brincos, cabelos tingidos, culto ao corpo etc. Cabe chamar a atenção para os guias de estilos direcionados

ao homem vendidos nas livrarias: Chic Homem - Manual de Moda e Estilo da consultora de moda. São Paulo: Senac, 1998, de Gloria Kalil e O Metrossexual - Um manual para o homem moderno. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004, de Michael Flocker são apenas alguns exemplos.

IHU On-Line - O que é a moda do "novo homem"? E o que foi a Revolução do Pavão? Há algo similar em nossos dias?

Denise Portinari e Fernanda Coutinho - Não acreditamos na existência de um "novo homem". Quando decidimos fazer uma reconstrução histórica para identificar este sujeito amplamente divulgado pelos veículos de comunicação de massa, percebemos que a preocupação com a aparência "sempre" esteve presente na vida dos indivíduos do sexo masculino. Entretanto, as formas como manifestavam este cuidado eram limitadas, já que o repertório era bem mais restrito. Contudo, podemos afirmar que este "novo homem" embute uma série de modelos resultantes de um longo processo de questionamento dos papéis sexuais e da própria sexualidade desencadeado na sociedade ocidental contemporânea. Já com relação à Revolução do Pavão, Valerie Steel, assim como muitos historiadores de moda, retrata a referida revolução como sendo, possivelmente, o período de desenvolvimento mais notável da indumentária dos anos 1960, cujo marco é a dramática transformação da vestimenta masculina. Neste período, o homem passou a usar estampas extravagantes, ternos sem colarinho, calças justas, rufos, babados, lapelas largas, camisas coloridas e psicodélicas. As roupas tornaram-se cada vez mais unissex. Homens e mulheres passaram a freqüentar as mesmas boutiques e a comprar praticamente os mesmos produtos. Quanto ao fato de existir algum movimento semelhante nos dias de hoje, acreditamos que não. As tribos como as do

metrossexuais¹ e as dos emos² podem ser analisadas como pontua Lipovetsky³ como expressão de um traço da

¹ **Metrossexual**: termo originado nos finais dos anos 1990 pela junção das palavras metropolitano e heterossexual. Gíria usada para designar um homem heterossexual urbano excessivamente preocupado com a aparência, que gasta grande parte do seu tempo e dinheiro em cosméticos, acessórios e roupas de marca. A palavra foi usada, pela primeira vez, em 1994 pelo jornalista britânico Mark Simpson e foi aproveitada pelas revistas masculinas britânicas e norte-americanas para fazer desta definição o seu público-alvo. Depois da sua utilização ter decrescido nos EUA, o termo foi reintroduzido em 2000 a par da diminuição dos tabus relativos à cultura gay (e com a qual este termo era freqüentemente confundido). A popularização da palavra veio pela ligação que Mark Simpson fez dela com o jogador de futebol David Beckham. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Emos**: Tribo formada por meninos e meninas de faixa etária entre 14 e 20 anos, que gostam de ouvir emotional hardcore, vertente do punk que mescla som pesado com letras românticas. Não escondem os sentimentos, expressam abertamente suas emoções, preconizam e praticam a tolerância sexual. Muitos dos garotos, por exemplo, afirmam gostar de namorar meninos e meninas. Visualmente, mesclam franjas caindo sobre o rosto e camisetas de motivos infantis (ex: Fred Flintstone e Hello Kitty) com botas do punk, cinto de rebites e munhequeiras. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Gilles Lipovetsky**: filósofo francês, professor na Universidade de Grenoble, França. Na edição 164 da *IHU On-Line*, de 14-11-2005, concedeu pessoalmente a entrevista *A educação liberal gerou a fragilização da massa*. Na edição 105, de 14-06-2004, concedeu a entrevista *Moda, luxo e hiperindividualismo*. Na edição número 143, de 30-05-2005, reproduzimos uma entrevista com o pensador francês sob o título *O filósofo da moda* e na 153ª edição, de 29 de agosto de 2005, uma resenha do livro *O Luxo Eterno*, realizada por Antônio Madalena, coordenador de eventos da Livraria Cultura, de Porto Alegre. Em 9-12-2006 as *Notícias Diárias* da página do IHU, www.unisinos.br/ihu, reproduzimos a entrevista "Nas sociedades antigas, havia a reza. Hoje, temos os shoppings", concedida originalmente à Zero Hora. Lipovetsky estará na Unisinos em maio de 2007, por ocasião do *Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?*, que acontece de 21 a 24-05-2007, proferindo a conferência *O futuro da autonomia e os tempos hipermodernos*. Escreveu, entre outros, *A era do vazio*. Lisboa: Relógio de Água, 1989; *O Crepúsculo do Dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Pub. D. Quixote, 1994 e *O Império do Efêmero. A moda e o seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

personalidade, orientação cultural, estilo de vida e disposição estética.

***IHU On-Line* - A despeito da "indiferenciação" proposta pelo mercado, os jovens ainda fazem questão de conferir à moda que consomem um papel masculino ou feminino? Por quê?**

Denise Portinari e Fernanda Coutinho - Julgamos que sim. Esta resposta poderia ser dada de inúmeras formas e de diversos recortes. Entretanto, vamos mais uma vez recorrer ao Lipovetski quando ele declara que a diminuição das diferenças extremas entre homens e mulheres, não tem por objetivo alcançar a unificação das aparências, mas apresentar uma diferenciação sutil. Por trás da liberação dos costumes e da flexibilização dos papéis, afirma em seguida o autor, um interdito intocável continua sempre a organizar o sistema das aparências com uma força de interiorização subjetiva e imposição social: vestidos e maquiagens são apanágios do sexo feminino e, por conseguinte, rigorosamente proscritos ao homem. O masculino está condenado a desempenhar indefinidamente o masculino.

***IHU On-Line* - Ser homem ou mulher hoje é uma questão de gosto?**

Denise Portinari e Fernanda Coutinho - Podemos dizer que é ainda uma questão - literalmente, pois é uma questão que sempre permanece em aberto, de alguma maneira, na medida em que é impossível de ser fechada, ou "resolvida", como se diz - uma questão do desejo.

***IHU On-Line* - Nossa aparência virou nossa essência? Até que ponto o culto exagerado à aparência esconde as fragilidades do ser humano?**

Denise Portinari e Fernanda Coutinho - Não acreditamos em essência do sujeito. Diríamos apenas que sujeito é uma obra aberta em permanente construção e a preocupação com a aparência é mais um desses elementos que participam dessa construção. É verdade que o discurso predominante na sociedade de consumo contemporânea é sempre aquele que promete resolver, solucionar - obliterar - todas as questões que sustentam essa abertura, inclusive aquelas que concernem a aparência. Todavia, também há, ainda, na outra face desses discursos, toda uma condenação moralista da preocupação com a aparência, o visível, o superficial.

O corpo como última utopia

ENTREVISTA COM FRANCISCO ORTEGA

Docente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Francisco Ortega afirmou em entrevista realizada por e-mail à IHU On-Line “o corpo ocupou o lugar do outro. Ele é o outro, nosso parceiro e confidente privilegiado, por isso, mesmo em reuniões sociais, falamos sempre dele, das dietas que estamos fazendo, da nova academia, de nossas taxas de colesterol etc. É por isso que o interesse pelo corpo gera desinteresse pelo mundo”. E continua: “Daí que o lugar da utopia se desloque para o corpo. A utopia passa a ser uma utopia corporal de descoberta e colonização do continente corpo”.

*Graduado em Filosofia pela Universidade Complutense de Madri, Espanha, Ortega é doutor em Filosofia pela Universidade de Bielefeld, Alemanha, com a tese *Freie Formen von Sozietät als Problem einer Ethik der ästhetischen Selbstkonstitution in Foucaults historischer Anthropologie des Subjekts*.*

*Escreveu dezenas de artigos para periódicos especializados, bem como capítulos de livros e obras, das quais citamos *Intensidade: para uma história herética da filosofia*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás - UFG, 1998; *Para uma política da amizade - Arendt, Derrida, Foucault*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000 e *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. É autor do capítulo *Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais*, publicado no livro *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, organizado por Maria Isabel Mendes de Almeida e Fernanda Eugenio.*

IHU On-Line - Nossa aparência virou nossa essência? Quais são os principais problemas desse deslocamento de sentido?

Francisco Ortega - O problema principal é que em culturas nas quais existia uma diferença entre essência e aparência, ou seja, entre o que “eu verdadeiramente sou” e “como me apresento” ao outro e à sociedade - obviamente existiam nas diferentes culturas e sociedades diversos modos de articular essa diferença e de valorizar ou salientar mais um dos dois elementos - o indivíduo podia esconder seus verdadeiros sentimentos do outro.

Em contrapartida, na cultura somática contemporânea, perdemos essa capacidade de fingir, de dissimular, de esconder nossas intenções ou de escolher quando e a quem mostramos o que verdadeiramente somos, pois, se essência e aparência se identificam, o que verdadeiramente sou se confunde com a forma da apresentação, o que sou está exposto ao olhar censurador do outro, estou a mercê dele, não posso me esconder. Paradoxalmente com a valorização da aparência e da imagem do corpo, preciso

constantemente desse outro ao qual estou exposto, preciso ser percebido por ele para poder existir, de um outro que me diga se meu corpo está o suficientemente malhado ou sarado como nossa cultura exige. Conseqüentemente, os indivíduos tornam-se superficiais (não sentido literal e metafórico do termo), desconfiam constantemente do outro, isto é, são cada vez mais paranóicos e melindrosos. Esses indivíduos têm uma forma de fugir da cultura e da tirania da aparência, mas essa forma é uma armadilha, pois a única maneira de esconder-se numa cultura na qual o que existe está sempre exposto é se igualando ou se identificando com normas de comportamento, de alimentação, de regimes de condicionamento físico etc. Ser idêntico e conformista é a única maneira de proteger-se do olhar censurador do outro.

IHU On-Line - Nossa aparência virou nossa essência? Quais são os principais problemas desse deslocamento de sentido? E o senhor poderia explicar sua afirmação “o interesse pelo corpo gera o desinteresse pelo mundo; a hipertrofia muscular se traduz em atrofia social”?

Francisco Ortega - Essas perguntas estão relacionadas e de alguma maneira seguem a resposta dada à primeira pergunta. Claro, poderíamos responder a um nível muito simples e dizer que quem se ocupa do corpo obsessivamente não tem tempo, energia, interesse ou motivação para se ocupar do outro e da sociedade. Mas é mais do que isso, pois o corpo ocupou o lugar do outro. Ele é o outro, nosso parceiro e confidente privilegiado, por isso, mesmo em reuniões sociais, falamos sempre dele, das dietas que estamos fazendo, da nova academia, de nossas taxas de colesterol etc. É por isso que o interesse pelo corpo gera desinteresse pelo mundo. O interesse pelo corpo nas sociedades clássicas greco-latinas e nas culturas orientais não se esgota no próprio corpo: a ação sobre o corpo (a ascese) se constituía

amiúde como objeto de resistência cultural e política; podia visar à constituição de si como sujeito moral da Antiguidade greco-latina, a auto-renúncia e a pureza do cristianismo, a interioridade cristã e burguesa. Em contrapartida, observamos na cultura somática contemporânea que o cuidado excessivo com o corpo se traduz em uma vontade de uniformidade, de adaptação à norma e de constituição de modos de existência conformistas e egoístas, visando à procura da saúde e do corpo perfeito. Falta nela, a preocupação pelo outro e pelo bem comum, a qual é substituída pela preocupação pelo corpo. Daí que o lugar da utopia se desloque para o corpo. A utopia passa a ser uma utopia corporal de descoberta e colonização do continente “corpo”.

IHU On-Line - O senhor poderia explicar a diferença entre modificações corporais mainstream e nonmainstream? O que elas revelam sobre seus atores? E como é possível entender a dor e o risco contidos nessas práticas?

Francisco Ortega - Os estudiosos dessas práticas localizam nas tatuagens e piercings¹ as práticas mainstream, isto é, as mais comuns e difundidas, deixando as nonmainstream para falar de piercings genitais, queimaduras, cicatrizes, implantes de silicone, amputações, entre outros, as quais são restritas a comunidades e subculturas específicas. À medida que as modificações corporais vão se difundindo e atingindo um público maior, aumenta a procura por formas menos difundidas e mais radicais para poder definir um grupo ou subcultura determinada. Quando qualquer adolescente tem uma tatuagem no pescoço, nas costas ou barriga,

¹ Sobre esse tema, confira a edição 16 do *Cadernos IHU Idéias*, de 2004, intitulada *Mudança de Significado da tatuagem contemporânea*, de autoria da antropóloga Débora Krischke Leitão. Da mesma autora, confira ainda a entrevista *Nacionalizar para globalizar: a construção de um Brasil exótico na moda de vestir nacional*, publicada no site do IHU, www.unisinos.br/ihu, e na edição 203, de 06-11-2006, sob o título *Uma moda com cara de Brasil*. (Nota da *IHU On-Line*)

tatuar-se não representa mais uma prática alternativa de modificação corporal, daí que tenham aparecido recentemente tatuagens sem tinta! Diretamente na carne, com sangue e arrancando a pele. Pensei que a dor e o risco supunham, para além de interpretações mais convencionais, as quais não excluam, mas não privilegiam nas minhas análises, uma forma de reclamar a autenticidade dessa prática corporal, de experienciar a corporeidade numa cultura que anestesia a dor e as experiências sensoriais e que nos diz que o corpo é obsoleto, que deve ser superado ou que é uma mera imagem.

***IHU On-Line* - Por que o senhor discorda de Baudrillard quanto à questão das modificações corporais?**

Francisco Ortega - Baudrillard¹ representa uma das abordagens privilegiadas pelos estudiosos das modificações corporais. Segundo essa abordagem, as modificações seriam um “carnaval de signos sem significado anexo”, isto é, um elemento a mais da sociedade do consumo, do espetáculo e do mundo da moda. Não digo que não exista essa leitura nem que não tenha sua validade, simplesmente tento propor uma leitura alternativa mais complexa que focalize na experiência corporal mesma, na fenomenologia da corporeidade. Acredito que alguns elementos ressaltados pelos atores envolvidos nas práticas, tais como o caráter

¹ Jean Baudrillard: filósofo e sociólogo. Um dos importantes pensadores ocidentais da atualidade, é autor de vários livros entre os quais destacamos: *A Troca Impossível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002; *A Ilusão Vital*: Civilização Brasileira, 2001 e *A Sociedade do Consumo*. Lisboa: Edições 70, 2000. De Baudrillard a *IHU On-Line* publicou o artigo *A máscara da guerra*, na edição 51, de 17 de março de 2003. O Prof Juremir Machado da Silva apresentou o IHU Idéias de 11 de setembro de 2003, intitulado *11 de setembro: Ano III. Uma reflexão a partir de Jean Baudrillard*. Sobre esse tema, Juremir concedeu uma entrevista na 74ª edição da *IHU On-Line*, de 8 de setembro de 2003, sob o título 11 de setembro segundo Jean Baudrillard. (Nota da *IHU On-Line*)

permanente da marca corporal, a planificação e a dor, escapam do ecletismo superficial do mundo da moda.

***IHU On-Line* - É possível relacionar a busca do corpo perfeito e sua construção com a autonomia do sujeito?**

Francisco Ortega - Em nossa cultura somática, esses dois elementos estão unidos, pois privilegiamos os ideais de liberdade e de autonomia entendidas como liberdade e autonomia de cuidar e atingir a perfeição corporal. Não devemos esquecer que a ênfase na autonomia individual está indissolivelmente ligada à desmontagem do estado de bem-estar assistencial e a privatização das políticas públicas e de saúde. Nesse cenário, a dependência é criticada e tratada com desdém. Reivindicamos uma autonomia que se encontra na base das diferentes tecnologias que nos governam, como diversos autores têm sublinhado. É uma autonomia enganosa, a autonomia e a liberdade de nos vigiar e nos tornarmos expertos de nossa saúde e de nosso corpo, como analiso no meu texto.

***IHU On-Line* - Como esse culto ao corpo se apresenta no Brasil? Há muitas diferenças nesse comportamento conforme as regiões de nosso país?**

Francisco Ortega - O Brasil, como todo o mundo sabe, é campeão em obsessão pelo corpo, academias de ginástica, cirurgias estéticas, entre outros. Sobre as diferenças regionais não saberia dizer, mas imagino que, onde aumente a concentração de renda, a obsessão deve ser maior, nas zonas de praia mais do que no interior.

***IHU On-Line* - Em seu artigo o senhor afirma que os tabus passaram da cama para a mesa. O homem contemporâneo está obcecado pelo que come? O que há por trás disso? O sexo ficou em segundo plano?**

Francisco Ortega - O que está por trás disso é precisamente a cultura somática com sua insistência pela saúde e a busca do corpo perfeito. Sobre os tabus,

acredito que a sexualidade tenha sido deslocada como espaço de problematização na nossa cultura. Durante séculos, a verdade de si mesmo, a distinção normal/patológico e os tabus giravam em torno dela. Não quer dizer que hoje a sexualidade não seja mais “problematizada”. Obviamente existem ainda preconceitos, bem como atos de violência contra homossexuais, travestis etc. Parece-me, no entanto, que os indivíduos hoje em dia lidam com mais facilidade com suas escolhas sexuais, as quais provocam menos angústia e ansiedade. Novas patologias que assaltam os consultórios de psicanalistas e psicoterapeutas, tais como anorexias, bulimias, ataques de pânico, entre outros, apontam mais para distúrbios da imagem do corpo que para uma sexualidade recalcada ou reprimida. Ao dizer que os tabus passaram da cama para a mesa, quis fazer uma pequena brincadeira que visa questionar a moralização da comida e da saúde. Ficamos muito preocupados com o doce demais que comemos no jantar de ontem, o com a picanha que não deveríamos ter aceitado, enfim, é comum nas reuniões sociais as pessoas passarem horas discutindo essas questões. E se vocês deram uma olhada aos sites e blogs de meninas anoréxicas, vemos esse vocabulário recorrente da culpa e da punição em relação à comida.

***IHU On-Line* - Em que medida a prática de esportes radicais e sexo sem proteção são respostas “à obsessão por comportamentos e estilos de vida sem risco”?**

Francisco Ortega - Só quando nos dizem que devemos evitar continuamente os riscos que a incitação de

realizar comportamentos de risco aumenta, desde os esportes radicais ao sexo sem camisinha. Da mesma maneira como a proliferação de formas de vida e de hábitos arriscados deve ser analisada no contexto de uma cultura que prima pelo desvio aos riscos, a mesma cultura que produz a obsessão pela malhação, a dieta saudável, e qualquer produto novo de fitness, saúde ou beleza, gerou também os casos extremos de sedentarismo, a fast-food, e toda uma gama de drogas sintéticas. Corpos malhados e sarados convivem lado a lado com obesos reticentes e fumantes empedernidos. Como testemunham os consultórios dos psiquiatras, psicanalistas e psicoterapeutas, coexistem em numerosos indivíduos, em difícil equilíbrio, hábitos bioascéticos e descuidados, criando estresse psicológico e tentativas de compromisso individual. O aumento na complexidade de um sistema resulta na diversificação periférica, conservando, no entanto, a coerência global, o que faz com que coexistam e se potencializem mutuamente fenômenos tão paradoxais como o bioascetismo e a displicência somática, ambas manifestações da diversidade periférica.

***IHU On-Line* - Como o senhor percebe a questão da exclusão/estigmatização daquelas pessoas que estão fora do ideal de beleza atual?**

Francisco Ortega - É um absurdo a exclusão e estigmatização de velhos e doentes, afinal, a velhice e a doença faz parte da condição humana. Tem algo de profundamente errado nessa negação de nossa condição.

Aproximação entre homens e mulheres é uma das maiores modificações da sexualidade

ENTREVISTA COM MIRIAM GOLDENBERG

“Ainda hoje, homens se sentem obrigados a esconder o sofrimento, a fraqueza, a sensibilidade. Ainda hoje, homens acreditam que devem ter inúmeras parceiras sexuais para serem considerados “homens de verdade”. Ainda hoje, homens acreditam que podem ser infiéis e as mulheres não”, disse a fonoaudióloga Miriam Goldenberg em entrevista por e-mail, exclusiva à IHU On-Line. Mas esconder o sofrimento entre os homens está mudando: “Hoje existe uma valorização do homem sensível, que mostra sua subjetividade, que reflete sobre a própria vida”. Quanto à sexualidade, a maior mudança que se percebe nos últimos anos é “a aproximação entre homens e mulheres. A mulher conquistou o direito de ter prazer, de não se submeter aos desejos masculinos, de buscar suas fontes de realização. Essa é a grande mudança, também, do comportamento masculino”. Graduada em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Goldenberg é mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com a tese Toda Mulher é Meio Leila Diniz: gênero, desvio e carreira artística.

Goldenberg, que leciona no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais do Departamento de Antropologia Cultural da UFRJ, é autora de inúmeros livros e capítulos de livros. De suas obras, destacamos Os Novos Desejos: seis visões sobre mudanças de comportamento de homens e mulheres na cultura brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Record, 2000; Nu&Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002 e De Perto Ninguém É Normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. Escreveu o artigo O discurso sobre o sexo: diferenças de gênero na juventude carioca publicado na coletânea Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, organizado por Maria Isabel Mendes de Almeida e Fernanda Eugênio.

IHU On-Line - A senhora poderia explicar melhor essa questão do sofrimento masculino e feminino, mencionado em seu artigo O discurso sobre o sexo? Quais seriam suas expressões e quais suas implicações com a vida sexual das pessoas?

Miriam Goldenberg - O que mostro no artigo é que homens e mulheres são socializados diferentemente e mesmo quando os comportamentos efetivos se aproximam, homens e mulheres apresentam discursos diferentes sobre suas vivências. Ainda hoje, homens sentem obrigados a esconder o sofrimento, a fraqueza, a sensibilidade. Ainda hoje, homens acreditam que devem ter inúmeras parceiras sexuais para serem considerados "homens de verdade". Ainda hoje, homens acreditam que podem ser infiéis e as mulheres não. Assim, em alguns artigos, que podem ser encontrados no meu site (www.miriangoldenberg.com.br) discuto a distância entre os comportamentos efetivos de homens e mulheres das camadas médias cariocas e os diferentes discursos de gênero que eles apresentam, em função de socializações diferentes.

IHU On-Line - O homem continua mantendo seu sofrimento em segredo? Por que isso acontece?

Miriam Goldenberg - Isso está mudando. Hoje existe uma valorização do homem sensível, que mostra sua subjetividade, que reflete sobre a própria vida. Ainda assim, muitos acreditam que devem seguir o modelo tradicional, pois foram socializados dessa maneira: não choram, não falam sobre o sofrimento, têm medo de serem fracos ou sensíveis. Hoje encontramos ainda uma masculinidade hegemônica, mais tradicional, e outras mais alternativas (sensíveis, vaidosos, frágeis etc)

IHU On-Line - Por que a senhora afirma que os homens e as mulheres estão mais próximos que nunca, sobretudo quanto à iniciação sexual e ao número de parceiros?

Miriam Goldenberg - São os dados da minha pesquisa. Como mostro no artigo, os jovens hoje se iniciam praticamente com a mesma idade (16 anos) e têm um número aproximadamente igual de parceiros sexuais. No entanto, os homens tendem a exagerar para cima esse número, e as meninas a diminuir.

IHU On-Line - O objetivo de ter inúmeros parceiros vale para homens e mulheres? Como os gêneros lidam com essa questão?

Miriam Goldenberg - Vale só para os homens. As mulheres querem mostrar uma imagem de controle, em que o sexo é associado ao afeto. Homens dissociam o sexo do afeto, esquecem o número de parceiras que tiveram e gostariam de ter tido muito mais.

IHU On-Line - O que podemos entender por "natureza masculina", expressão que apareceu na pesquisa que a senhora conduziu?

Miriam Goldenberg - Os homens pesquisados apontam uma suposta "natureza masculina poligâmica" para justificar a necessidade de ter muitas parceiras e, também, suas traições. Culpam o instinto, a essência, a natureza masculina pelo desejo sexual, consideram que trairiam a própria natureza se não respeitassem esse instinto. Muitas vezes, amam as esposas mas seguem o instinto para não traírem essa natureza. É um discurso muito presente entre os meus pesquisados. Esse dado também aparece no livro que estou lançando pela editora Record, INFIEL: notas de uma antropóloga. A justificativa para a traição é completamente diferente para homens e mulheres.

IHU On-Line - Em linhas gerais, quais são as maiores modificações que a sexualidade humana vem passando nos últimos anos?

Miriam Goldenberg - Acho que é a aproximação entre homens e mulheres. A mulher conquistou o direito de ter

prazer, de não se submeter aos desejos masculinos, de buscar suas fontes de realização. Essa é a grande mudança, também, do comportamento masculino.

IHU On-Line - O que as dificuldades e "faltas" apontadas por homens e mulheres, demonstram sobre seus relacionamentos?

Miriam Goldenberg - Demonstram que as mulheres exigem demais de um parceiro, fantasiam uma relação

sem faltas ou imperfeições. Demonstram que os homens demandam muito menos e querem compreensão e paz dentro de um casamento. Como mostro no artigo e no livro *Infidel* essas diferenças geram conflitos muito difíceis de resolver, o que aparece no número expressivo de separações.

O multipertencimento e os jovens do mundo contemporâneo

POR GILBERTO VELHO

Segundo o cientista social Gilberto Velho, docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Departamento de Antropologia, "a noção de multipertencimento é crucial para entender-se a situação dos jovens no mundo contemporâneo". Gilberto Velho é cientista social pela UFRJ e especialista em Antropologia pela Universidade Texas System (UTS), EUA. cursou mestrado em Antropologia Social na UFRJ e doutorado em Ciências Humanas na Universidade de São Paulo (USP), defendendo a tese Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia. É o autor e organizador de 25 obras, dentre elas, A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989 e Mudança, Crise e Violência: política e cultura no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira., 2002. Na coletânea Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, Gilberto Velho contribuiu com o artigo Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade.

Ele recebeu algumas perguntas da revista IHU On-Line e escreveu o texto a seguir, contribuindo com o tema de capa que debatemos na edição desta semana.

Há diversos tipos de juventudes. Essas definições vão depender de contextos e situações específicas. O mesmo jovem pode ser um estudante universitário, adepto do hip-hop, ser torcedor do Flamengo, namorar uma colega e pertencer, naturalmente, a uma família. O que é mais importante é o trânsito entre essas diferentes possibilidades e papéis sociais. É claro que existem adesões mais evidentes que sublinham redes ou grupos, como ser surfista, adepto do heavy metal, ser membro do PSTU, etc. O importante é não ter uma visão que congele os desempenhos dos jovens para poder perceber a sua dinâmica. Assim sendo, as prioridades variam, embora, sem dúvida, com relação aos anos 1960 e 1970, haja um interesse menor pela política oficial. Em princípio, estão interessados em consumo, em sucesso individual e as possibilidades de realizar esses projetos dependerão de suas circunstâncias econômicas e socioculturais. A participação na vida religiosa também varia bastante e oferece muitas alternativas, passando pelo catolicismo, protestantismo e judaísmo tradicionais e chegando aos cultos afro-brasileiros, a movimentos ligados à Nova Era e às Igrejas neo-evangélicas. Portanto, a noção de multipertencimento é crucial para entender-se a situação dos jovens no mundo contemporâneo. Participam mais do que nunca de muitas experiências em diversos mundos. É claro que isso não se dá de modo homogêneo, havendo indivíduos e grupos mais expostos a essa dinâmica do que outros.

Quanto à família, encontramos uma grande variação. Nos segmentos mais pobres, a falta de recursos, as dificuldades de acesso e permanência na escola e, constantemente, a ausência ou presença remota da figura paterna concentra as relações familiares na linha

materna. Isso acontece bastante nas favelas e nas periferias das grandes cidades. Por sua vez, no universo de camadas médias, nota-se um tempo maior de permanência dos filhos na casa dos pais. Isso se dá, por um lado, por problemas no mercado de trabalho e, por outro, por uma mudança na relação entre as gerações, permitindo uma coexistência mais duradoura. Isso não impede que os segmentos jovens contemporâneos se caracterizem por significativo individualismo em que os projetos pessoais não se subordinam, em princípio, aos familiares ou a outras unidades englobantes. Ainda assim, deve ser registrado que encontramos também preocupações de ordem mais geral, como no caso daqueles que se envolvem com as causas e movimentos ecológicos.

Como já disse, o mercado apresenta um perfil mais inseguro em que a estabilidade e a segurança são altamente incertas. Há novas atividades enquanto as mais tradicionais, várias vezes, encontram-se bloqueadas. De qualquer forma há, em geral, uma grave crise no mercado de trabalho que afeta, sobretudo, as camadas mais pobres. Isso tem conseqüências, aliado às aspirações de consumo, para o aumento da violência e da criminalidade.

A inovação tecnológica, particularmente o uso de computadores, a internet e outros mecanismos e formas de relacionamento, mais ou menos ligados a processos de globalização, podem alterar as noções de limites e fronteiras até há pouco tempo dominantes. Com certeza, tudo isso atinge os processos mais gerais de construção identitária dos mais variados segmentos juvenis e tem conseqüências para eles.

Um sonho distante

ENTREVISTA COM CARLOS ALBERTO MÁXIMO PIMENTA

O autor do livro Sociologia da Juventude: futebol, paixão, sonho, frustração, violência". Taubaté: Editora Cabral, 2006, Carlos Pimenta concedeu uma entrevista por e-mail a IHU On-Line falando sobre o sonho dos jovens em se tornarem jogadores de futebol. Pimenta possui graduação em Ciências Jurídicas pela Universidade de Taubaté (1990), mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1995) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Atualmente é professor assistente doutor da Universidade de Taubaté. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, violência nos processos de subjetividades, realidade brasileira, pós-modernidade e lazer e futebol.

IHU On-Line - Quais são os fatores socioculturais, políticos, econômicos e simbólicos imbricados nesse sonho dos jovens em se tornarem jogadores profissionais de futebol?

Carlos Pimenta - A proposta do livro, resultado de pesquisa de doutoramento, é a de compreender em quais pilares a sociedade contemporânea brasileira constitui no imaginário social juvenil a dimensão do sonho, da expectativa de futuro. Como um elemento desse processo, utilizo as relações promovidas a partir do futebol profissional, tendo como exemplo o sonho de ser jogador de sucesso. Na busca, apreendo que o jogo de futebol não é uma atividade ingênua e está intimamente vinculado com as transformações socioculturais, políticas, econômicas e simbólicas de nosso tempo, tendo a mídia um papel fantástico de espetacularização e de alimentação desse sonho, este cada vez menos materializável para muitos. No trabalho abordo diversos fatores que colaboram ao despertar desse sonho, desde o surgimento das escolinhas, franquias de marcas de clubes de futebol profissional, passando pela dimensão das legislações e políticas públicas esportivas até as transações administrativas e financeiras gerenciadas pelos conglomerados econômicos. Portanto, no texto tomo cuidado para não

descolar da análise o contexto contemporâneo e suas tendências “hegemônicas”.

IHU On-Line - O que esse sonho revela sobre as perspectivas da juventude brasileira?

Carlos Pimenta - A questão central da pesquisa gira em torno de uma crítica ao futebol, nos moldes em que ele é apresentado, e, conseqüentemente, à sociedade em que vivemos. Neste modelo, a instituição futebol parece não produzir nenhum vínculo direto e efetivo com a realidade das relações. Aqui o sonho reveste-se de irrealidades, ilusões e frustrações, uma vez que tem muito pouco laço com a verdade da vida cotidiana, dos sacrifícios do dia-a-dia, das dificuldades presentes no próprio interior dessa instituição. O sonho que poderia ser um canal de possibilidades aos jovens para acessar os “benefícios” de uma vida adulta de qualidade, passa a ser, para a maioria, um canal de frustrações pelo fracasso da busca ou do sonho. Não é só isso, há outras conseqüências, em maior ou menor grau. Uma delas é que muitos jovens apostam todas as suas expectativas nesta busca e abandona, em diversos casos, todas as demais formas de inserção social.

IHU On-Line - Qual o papel da mídia na solidificação desse ideal a ser alcançado?

Carlos Pimenta - Resgatando a primeira questão, a mídia tem um papel fantástico de espetacularização e de alimentação desse sonho. A mídia, juntamente com a supervalorização do esporte e do corpo na atualidade, consegue despertar no jovem a idéia de que, por intermédio da carreira de jogador de futebol profissional, poderá ter dinheiro, valorização pessoal e social, fama, mulheres, carros, enfim um melhor acesso ao mundo econômico. Pela mídia pouco se vê de dificuldades na vida de um atleta; na mídia não se vê fracassados, pois otimiza seu espaço aos vencedores.

IHU On-Line - No que consiste a violência subjetiva a que o senhor se refere em seu livro?

Carlos Pimenta - A pergunta que venho tentando responder faz algum tempo é: quais os novos processos de subjetividades produzidas na sociedade contemporânea? Como venho das Ciências Sociais, essa pergunta não é simples de ser respondida, pois envolve questões psicológicas e filosóficas, as quais são relevantes, mas nem sempre bem vindas aos olhos de alguns colegas. Trabalho com a idéia de que o fracasso ou a frustração na busca pela carreira profissional de futebol não é uma violência meramente simbólica, vinculando esse movimento como uma imposição de um determinado padrão ou arbitrário cultural. A partir das pesquisas, leituras e imaginações sociológicas entendo que é inegável a violência nesse processo e ela ganha uma dimensão subjetiva quando jovem passa boa parte de sua formação, juventude, início de vida adulta, espaços socioculturais, expectativa de futuro, entre outros, reduzidos aos limites de sua experiência com o futebol.

IHU On-Line - O senhor poderia contextualizar a situação em que o sonho de ser jogador profissional de futebol começou a ser perseguido pela juventude brasileira?

Carlos Pimenta - Da invenção do futebol brasileiro até os anos trinta o futebol era uma atividade para poucos. Somente os ingleses, seus filhos, os estrangeiros europeus e a fidalguia

brasileira tinham a permissão oficial de sua prática. Dos trinta aos anos setenta, o futebol era lugar de pobres e de possibilidade de mobilidade social, mas tido como coisa de malandro, vagabundo e gente sem ocupação. Nesse período, ser jogador de futebol estava relacionado aos clubes amadores, a várzea e aos olheiros. Dos anos oitenta em diante, dentro do contexto das privatizações, das tecnologias informacionais e das tecnologias de gestão, o futebol profissional ganha uma dimensão empresarial e o prazer de jogar se transforma em uma carreira promissora, com a aderência de todas as classes sociais, em especial da média. Em resumo, é nesse contexto que o sonho da carreira de jogador profissional ganha maior significado aos jovens.

IHU On-Line - Quais seriam os principais sonhos, ilusões, frustrações e desejos dessa juventude? Como o componente da sedução permeia essas realidades?

Carlos Pimenta - Os sonhos se traduzem em ter carrões, mulheres, dinheiro, badalações, reconhecimento social; as ilusões quando o jovem descobre da dificuldade desse processo, mas tem que ser perseverante, pois só os melhores vencem; frustrações ao perceber, no fim da linha, mesmo tendo sido profissional da bola, que não teve o sucesso esperado e que tem facilidade de retornar à realidade do dia-a-dia. Mesmo diante da descoberta da realidade o ex-jogador permanece seduzido e encantado com o futebol, chamando para si a responsabilidade pelo insucesso na busca.

Relatos de jovens

A preocupação do livro limita-se à compreensão dos relatos de jovens e de ex-jogadores de futebol profissional, enfatizando suas juventudes, que não tiveram o destaque idealizado. Portanto, embora reconheça os aspectos positivos do sonho, neste trabalho o sonho ganha uma conotação de negatividade, de frustração e de violência. Sobretudo, esse livro desmistifica a crença de que o esporte é somente bom e ser jogador de futebol profissional de sucesso é uma luta, quase sempre, para muitos, glória. No meu ver, esse é o

mérito do livro.

Livro da Semana

KÜNG, Hans. Projeto de ética mundial. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Paulinas, 1992. - Uma ética global para a política e a economia mundiais. Petrópolis: Vozes, 1999.

Reproduzimos a seguir a resenha sobre os livros de Hans Küng Projeto de ética mundial. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Paulinas, 1992. Uma ética global para a política e a economia mundiais. Petrópolis: Vozes, 1999 feita pelo professor de Filosofia da Unisinos, José Nedel. A resenha foi originalmente publicada na Revista Filosofia da Unisinos nº 1 volume 7, janeiro e abril de 2006.

Hans Küng

Teólogo, autor de inúmeros livros de teologia, estará no Brasil nos dias 21 a 29 de outubro de 2007. Numa promoção do IHU, ele fará, pelo menos uma conferência sobre o Projeto de uma Ética Mundial e uma conversa com os professores e professoras de teologia da região. Concomitantemente, realizar-se-á a Exposição da Fundação que ele preside sobre a contribuição das grandes religiões da humanidade para uma ética mundial. A Exposição já foi sediada pela sede da ONU em Nova York. Além da Unisinos, Hans Küng deverá passar por Brasília, Rio de Janeiro e Curitiba. Os Cadernos Teologia Pública, no. 21, recentemente editados, publicaram o artigo do teólogo alemão Karl-Josef Kuschel intitulado Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo.

Notícia sobre o autor

O conhecido sacerdote e teólogo suíço Hans Küng (nascido em 1928), professor Emérito de Teologia Ecumênica da Universidade de Tübingen, tem vasta obra teológica publicada. Em 1984, ele havia lançado a palavra de ordem: “Sem paz entre as religiões, não haverá paz no mundo” (Christentum und Weltreligionem,

epílogo). A questão foi discutida em Paris, em 1989, num Colóquio da UNESCO. Em 1990, o autor desenvolveu suas idéias em moldes mais amplos no livro Projekt Weltethos - Projeto de ética mundial, uma das obras em epígrafe, que teve enorme repercussão, tendo sido traduzida para cerca de dez idiomas. Só na Alemanha dela foram vendidos mais de cem mil exemplares, de acordo com informações contidas na segunda obra em epígrafe, de 1999. Em decorrência disso, o Conde e a Condessa Von der Groeben criaram a Fundação Weltethos, da qual Küng se tornou presidente. A Fundação facultou-lhe a continuidade das pesquisas sobre o tema, após a proibição de lecionar contra ele lançada pelo Vaticano, em decorrência de críticas a questões pontuais da Igreja. Por incumbência do Parlamento das Religiões Mundiais, Küng elaborou, após ampla consulta internacional e inter-religiosa, um esboço de ethos mundial, procurando torná-lo realista, compreensível a todos e suscetível de ser objeto de consenso. Em 1993, o Conselho do Parlamento das Religiões Mundiais emitiu, em Chicago, uma Declaração sobre Princípios de uma Ética Mundial, visando a uma Aliança de Civilizações. O documento, conhecido como Declaração de Chicago, foi assinado por representantes das mais diversas religiões e está baseada

nos princípios de: 1 - Não-violência e respeito a toda vida. 2 - Solidariedade numa ordem econômica justa. 3 - Tolerância e sinceridade. 4 - Igualdade de direitos e parceria entre homens e mulheres. Küng, em seu projeto, antepõe aos quatro um princípio genérico, abarcando o sentido global deles: Verdadeira humanidade, no sentido de humanitarismo, ou seja, de todo ser humano ser tratado humanamente. A Declaração de Chicago resultou confirmada mediante relatório do Conselho de Interação formado por antigos presidentes de Estados ou de conselhos de ministros, sob a presidência do então chanceler alemão Helmut Schmidt. O documento, discutido por peritos das diferentes religiões, em Viena, em março de 1996, sob o título Em busca de padrões éticos globais, foi promulgado em Vancouver, em maio de 1996, em assembléia geral do Conselho de Interação. Em 1997, Hans Küng, em *Weltethos für Weltpolitik und Weltwirtschaft - Uma ética global para a política e a economia mundiais*, a segunda obra em epígrafe, procurou aplicar o Projeto Ethos Mundial à realidade da política e da economia, lançando, assim, orientações básicas para uma ordem mundial mais humana.

Tópicos relevantes das obras em epígrafe.

Nas duas obras mencionadas, aqui vistas em conjunto, porque são complementares, Hans Küng propõe, para a sobrevivência da humanidade, uma ética mínima a ser alcançada com a cooperação das grandes religiões. Começando, expõe sua concepção de ética e enfoca a necessidade dela para o convívio humano, tendo em vista que o agir ético deve constituir o quadro óbvio do comportamento humano individual e social. Observa que é importante o cumprimento das regras morais; mesmo quem as não quer observar deve deixar pelo menos a impressão de o fazer, como já Maquiavel¹ aconselhava.

¹ Nicolau Maquiavel (1469-1527): historiador, filósofo, dramaturgo, diplomata e cientista político italiano do Renascimento. É reconhecido

De fato, não haverá sobrevivência da sociedade humana sem ética.

Como fundamentação, critério e objetivo da ética, o autor propõe à pessoa humana, que nunca deve ser transformada em simples meio, ou objeto; ao contrário, deve permanecer sempre o sujeito, o objetivo último e o critério da ética. Com o critério universal do verdadeiramente humano, é possível discernir o bem e o mal, o verdadeiro e o falso. Assim, bom é aquilo que duradouramente promove a vida humana em suas dimensões individual e social. Contudo, o autor evita o antropocentrismo tradicional, exagerado, exclusivista, que ignora o padecimento dos animais e negligencia o mundo ambiente. Ao biocentrismo (que pretende atribuir um direito de existência a plantas, animais, espécies biológicas e sistemas ecológicos) e ao holismo (que visa a proteger também a natureza morta por causa dela mesma) contrapõe uma concepção antropocêntrica mitigada, ou seja, uma concepção humana integrativa: em lugar da dominação e da exploração da natureza pelo homem, a vinculação do homem à natureza.

Hans Küng ainda combina ética geral e de situação, além de postular que a ética seja preventiva, colocando prioridades e preferências já na fase da pesquisa, antes da industrialização, a fim de que sirva como profilaxia a crises. Isso já tem a ver com a ética da responsabilidade, que o autor, a exemplo de Max Weber², combina com a

como fundador da ciência política moderna por escrever sobre o Estado e o governo como realmente são, e não como deveriam ser. Separou a ética da política. Sua obra mais famosa, *O Príncipe*, foi dedicada a Lourenço de Médici II. (Nota da *IHU On-Line*)

² Maximillion Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título *Max Weber: a ética protestante e o "espírito" do capitalismo. Cem anos depois*, a *IHU On-Line* dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em Formação* nº 3, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10 de novembro de 2005, o

de mentalidade. É enfático em postular uma ética de responsabilidade, pois uma simples ética de mentalidade não tem futuro: ela é aistórica (ignora a complexidade da situação histórica) e apolítica (não leva em conta a complexidade das estruturas sociais e do jogo de forças existentes). Consegue até justificar o terrorismo. Em contrapartida, tem futuro a ética de responsabilidade que não exclui a de mentalidade, pois ambas são complementares. Impõe-se perguntar sempre realisticamente pelas conseqüências previsíveis do agir e assumir a responsabilidade por elas. As próprias pessoas, aliás, são responsáveis pela organização concreta de sua moral, na medida em que devem partir de suas experiências, da diversidade de vida e se orientar em determinados fatos. Existe na consciência de cada um, como Kant ¹ já afirmava, uma autolegislação ética e uma auto-responsabilização para a auto-realização e a organização de seu mundo. Nunca estivemos tão conscientes como hoje da nossa responsabilidade global

professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da *IHU On-Line*)

¹ Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22 de março de 2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os *Cadernos IHU em formação* estão disponíveis para download na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

pelo futuro da humanidade. Por isso, o termo-chave para nossa estratégia de futuro deve ser a responsabilidade de todas as pessoas por este planeta, uma responsabilidade planetária. É que o destino da Terra atinge todos os homens, qualquer que seja a religião ou a ideologia a que pertençam.

É bom ver que a responsabilidade planetária postula uma ética global, para toda a humanidade, a interligar e a tornar todos responsáveis. A responsabilidade deve incidir também na política, inclusive externa, e na economia. Entre a política realista e a idealista, deve haver um meio-termo, que é justamente a política no espírito da responsabilidade. Há que se unir o cálculo político (política realista) com o julgamento ético (política idealista). Em suma, convicção e responsabilidade pelas conseqüências previsíveis, principalmente as negativas. Em economia, é preciso unir as estratégias econômicas com as convicções éticas, examinar se o agir econômico não ofende bens e valores mais elevados, se é social e ecologicamente aceitável e compatível com o futuro. Precisamos trabalhar na direção de uma economia de mercado ecológico-social fundamentada na ética. A economia e a ecologia mundiais devem ter como objetivo e critério o homem inserido num mundo ambiente em que valha a pena viver. Em suma, deve-se buscar uma economia de mercado regulada, social e ecológica, uma economia de mercado ecossocial.

Segundo o autor, a necessidade de uma ética mundial aparece sinalizada negativamente: pelas catastróficas evoluções econômicas, sociais, políticas e ecológicas que desfilam diante de nossos olhos. Aliás, também é característica da era pós-moderna a possibilidade de a espécie humana, pela primeira vez em sua história, estar em condições de produzir sua própria extinção. Uma utopia negra é a nova imagem angustiante do futuro. A resposta positiva à pergunta pela necessidade de uma ética mundial vem das condições atuais do mundo que,

por ser uno, necessita de uma ética básica, com valores, objetivos, ideais e visões comuns. De fato, o fenômeno da globalização econômica evidencia que também no terreno da ética tem que haver uma globalização. A economia, a tecnologia e a política globais clamam por fundamentação através de um ethos global. No mais, o Estado democrático, embora neutro quanto à cosmovisão, necessita de consenso fundamental mínimo no que tange a determinados valores, normas e posturas.

Segundo o autor, esse ethos mundial - que deve ser libertador, vinculante e tolerante - não vem para ser nova ideologia do mundo nem cultura mundial única, tampouco religião única ou dominação de uma religião sobre as demais. Precisamos, não de uma religião comum, mas de um ethos comum, que não é sucedâneo da religião. Não visa a tornar supérfluo o específico das diferentes religiões e filosofias nem constituir um consenso ético total, ou um máximo “grosso” de ethos, na expressão de Michael Walzer, ou de “moral diferenciada”, expressão preferida pelo autor. Em verdade, o ethos mundial deve ser um consenso ético mínimo, um mínimo necessário de valores, normas e atitudes básicas humanas comuns, que pode ser afirmado por todas as religiões apesar de suas diferenças dogmáticas, suscetível de ser aceito até pelos não-crentes. O Projeto Ethos mundial não tenta difundir os direitos humanos da mentalidade ocidental de um direito natural, mas coligir valores, normas e atitudes das tradições étnico-religiosas próprias de cada povo, com o fim de fazê-los frutificar em prol dos deveres e direitos humanos.

O que se procura é um consenso básico sobre valores comuns, normas e atitudes, que inclua a auto-realização autônoma e a responsabilidade solidária. O núcleo desse ethos global é o que acabou constando da Declaração de Chicago.

O autor enfatiza que entre ethos e religião há complementaridade. Discorre amplamente sobre a

importância das religiões mundiais na preservação da paz. Salienta os pontos de vista comuns entre as grandes religiões, a par de suas diferenças. Segundo ele, no tempo presente cabe às religiões mundiais uma coresponsabilidade especial pela paz no mundo, que todas devem reconhecer. No futuro, a credibilidade delas dependerá da medida em que acentuarem mais aquilo que as une do que aquilo que as separa. A humanidade pode cada vez menos dar-se ao luxo de ver as religiões incentivarem guerras ao invés de promoverem a paz, de praticarem fanatismo ao invés de reconciliação, de comportarem-se com superioridade ao invés de incentivar o diálogo. Sem a ajuda das religiões dificilmente se poderia colocar em prática, e com amplo apoio, a obrigação de auto-restrição: de frear o poder, de diminuir o prazer por causa da humanidade futura - exigência colocada por Hans Jonas, entre outros. No mais, as religiões mundiais são sistemas muito antigos e, ao mesmo tempo, contemporâneos, supra-individuais, internacionais e transculturais. Elas permeiam as culturas e os círculos culturais nos quais não se dissolvem simplesmente. São algo como os grandes sistemas fluviais: abrem passagem pelas mais diversas paisagens culturais. Apesar de todos os fenômenos de decadência, sempre de novo demonstraram, através dos milênios, uma inesgotável e indestrutível força espiritual, o que Spengler deixou de perceber.

No que tange à realização dos direitos humanos, Küng reconhece um déficit em todas as religiões mundiais, como também ocorre em quase todos os Estados. É sabido que, muitas vezes, o reconhecimento desses direitos aconteceu em luta ferrenha com as religiões estabelecidas. Em verdade, as religiões deveriam reforçar a Declaração dos Direitos Humanos, fundamentar tais direitos em suas próprias tradições, concretizá-los em vista da situação atual e pô-los em prática em seu próprio terreno. As normas humanitárias do direito internacional deveriam ter força de lei para as

religiões. No mais, além do plano jurídico, elas deveriam dar impulsos éticos humanitários, orientar para assumir os deveres humanos e, desta forma, colaborar para a realização de um ethos universal da humanidade. Segundo Küng, o Estado democrático-liberal tem de suportar diferentes religiões e confissões, filosofias e ideologias. Não deve prescrever legalmente valores superiores ou normas últimas. É bem de ver que a sociedade pluralista não necessita de um consenso rígido ou totalizante, mas de um overlapping consensus, consenso coincidente, como concebido por John Rawls¹. Carecemos de uma nova ordem social no mundo, em que haja conjugação de valores: não só liberdade, mas também justiça; não só igualdade, mas também pluralidade; não só fraternidade, mas também irmandade; não só coexistência, mas também paz; não só produtividade, mas também solidariedade com o meio ambiente; não só tolerância, mas também ecumenismo; não só verdade, mas também liberdade. Impõe-se conjugar valores, acolher as diferenças toleráveis, promover a comunhão das pessoas humanas, inclusive com as demais criaturas, sem fanatismos, absolutismos, indiferentismos, relativismos.

Em relação à verdadeira apaziguação das religiões, portadoras de um potencial de paz, Küng é otimista. Rejeita a visão fatalista do norte-americano Samuel P. Huntington, segundo o qual a luta das culturas e religiões é inevitável. Para o teólogo ecumênico, o pretenso choque global inevitável das civilizações talvez seja o novo modelo de terror de que muitos estrategistas

¹ John Rawls (1921-2002): filósofo, foi professor de Filosofia Política na Universidade de Harvard. É autor de *Uma teoria da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 1997; *Liberalismo Político*. São Paulo: Ática, 2000; e *O Direito dos Povos*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001. A *IHU On-Line* número 45, de 2 de dezembro de 2002, dedicou sua matéria de capa a John Rawls, sob o título *John Rawls: o filósofo da justiça*. Confira, ainda, o 1º dos *Cadernos IHU Idéias*, intitulado *A teoria da justiça de John Rawls*, de autoria do Prof. Dr. José Nedel. (Nota da *IHU On-Line*)

militares têm necessidade. Porém a visão de futuro para a humanidade é a paz global entre as religiões, que deve ser buscada com todas as forças, como pressuposto e fator impulsionador de uma paz global entre as nações. O modelo para o futuro não é, pois, a luta das culturas, mas a cooperação entre elas. O autor observa que a posição dos regimes árabes em relação ao islamismo é tão diversificada, que a partir daí um clash total entre a civilização muçulmana e a ocidental é pouquíssimo provável.

Para Hans Küng, o diálogo inter-religioso, em todos os âmbitos, oficiais e não-oficiais, científico e espiritual, no dia-a-dia, tem agora um peso novo: o interesse pela paz. É que, onde as discussões cessam, iniciam-se repressões, impõe-se o direito dos poderosos, dos mais fortes, dos mais sabidos. Quem dialoga não atira. Isso vale analogicamente também para a esfera religioso-eclésiástica. Seria de bom aviso instaurar inclusive o diálogo e a colaboração com os fundamentalistas na esfera político-social e no terreno religioso-teológico. Assim, o paradigma “pós-moderno” pode ser designado ecumênico.

O autor observa que a abertura teológica em relação a outras religiões de modo algum exige a suspensão das convicções próprias. Aliás, a posição fundamental do verdadeiro ecumenismo é a disposição ao diálogo dentro da firmeza de posição. O diálogo e o testemunho não são excludentes. Obviamente, sequer haveria necessidade de diálogo, se na religião de cada um não houvesse nada de normativo e definitivo. Para isso acontecer, todas as religiões, parceiras paritárias de caminhada, necessitam de transformação multifacetária na busca da verdade maior, do mistério do uno e verdadeiro Deus, que só se revelará de forma plena, no fim da história.

Küng rejeita qualquer determinismo a acenar com necessidades históricas. É que sempre de novo há viragens inesperadas e novas aberturas. As grandes ideologias modernas, que nos últimos dois séculos

funcionaram como explicações “científicas” totais e semi-religiões, hoje estão desgastadas. Em suma, não existe fator determinante na história, ou seja, não há leis históricas com precisão científica.

Segundo Küng, o pacifismo absoluto, para o qual a paz é o bem supremo a que todo o mais deve ser sacrificado, é uma irresponsabilidade. Não é suficiente para preservar a paz. O legítimo direito de autodefesa, de conformidade com o art. 51 da Carta da ONU, não é suspenso nem mesmo pelo Sermão da Montanha. A exigência de renunciar à violência não pode ser posta em prática de maneira literal e fundamentalista.

Disseminadas nas obras em exame, encontram-se as seguintes proposições conclusivas do autor: 1 - “Não haverá coexistência humana sem uma ética mundial por parte das nações” (1992, p. 146 e 186). “Não haverá uma nova ordem mundial sem um novo ethos mundial, um ethos global ou planetário não obstante todas as diferenças dogmáticas” (1999, p. 168). “Não haverá nenhuma nova ordem do mundo sem uma consciência ética universal (sem um ethos mundial’)” (1999, p. 187). 2 - Não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões (1992, p. 146 e 186). “Não haverá paz entre as civilizações sem uma paz entre as religiões” (1999, p. 167). “Não haverá uma sobrevivência da democracia sem uma coalizão de crentes e não-crentes em mútuo respeito” (1999, p. 167). 3 - Não haverá paz entre as religiões sem o diálogo entre as religiões (1992, p. 146 e 186; 1999, p. 167). 4 - Não haverá diálogo entre as religiões sem uma pesquisa das bases teológicas” (1992, p. 146 e 186).

Os pontos de convergência encontradas em todas as grandes religiões são o fundamento para a ação sinérgica de todos no sentido da construção da paz mundial. Isso é necessário, porque: ou teremos no terceiro milênio uma “ecumene” pacífica - a exemplo da Europa unificada -, ou não teremos mais nenhuma “ecumene”, não teremos

mais uma “Terra habitada”. Temos, pois, de optar pela convivência pacífica.

Apreciação sumária

Pelo que se infere do exposto, Hans Küng é um otimista em relação ao futuro da humanidade. Assim sendo, combate a visão fatalista de Huntington, bem como as concepções acerca do fim da história, em suas variadas formas. Defensor da liberdade humana, mantém aberto o horizonte da história, não sujeito a leis necessitantes com precisão científica. Seu otimismo, contudo, está longe de alcançar as raias da pura utopia, por cultivar um vivo senso realista. Aliás, tenta unir o princípio realista da responsabilidade (Weber e Jonas) com o idealista da esperança (Bloch), como ele mesmo assinala. Talvez lhe coubesse também a imputação de uma “utopia realista”, como pretende John Rawls, na aplicação de sua teoria da justiça ao âmbito internacional.

Isso leva a uma outra característica, a da moderação, do meio-termo aristotélico da virtude, entre posições extremas, na economia, na política, no trato com as tradições culturais e religiosas, o que lhe propicia sólida base para o diálogo inclusive inter-religioso e ecumênico.

O autor segue a tradição clássica na filosofia do agir também pela concepção da unidade da moral, a mesma fundamentalmente para o indivíduo e o Estado. É a aplicação da doutrina da lei natural, que tem entre suas propriedades a da universalidade. Outro aspecto clássico é o do critério da moralidade, a pessoa humana, a verdadeira humanidade. Esse critério não foi criado, mas lapidarmente formulado por Kant, cuja influência o autor evidencia, inclusive, em outros aspectos.

Na crítica ao exercício abusivo da razão instrumental e na proposta de soluções para os problemas ecológicos, o autor acompanha o pensamento predominante da atualidade. A influência de Hans Jonas sobre ele resulta evidente. Sábia é a observação de que o saneamento da

razão e da técnica, em suas extrapolações, não se faz com mais razão e mais técnica. Para tanto, é preciso passar a uma outra ordem de valores, a das tradições éticas e religiosas da comunidade.

A recepção das idéias de Hans Küng no mundo, nomeadamente no seio das religiões mundiais, é garantia de eficácia futura, embora as ingentes tarefas de sua efetivação estejam ainda por serem feitas, em sua maior parte. Os trágicos acontecimentos dos últimos anos - atentados em Nova York, Madri e Londres, entre outros - não autorizam ninguém a qualificar a Declaração de Chicago, que consubstancia o projeto de ethos mundial acalentado pelo autor, de "intento falido", como faz Reyes Mate (Uma cultura do consenso. El País, 11 set. 2005). É consabido que princípios e regras morais, embora violados, não perdem a validade. Atuam na consciência das pessoas, dos grupos e povos e produzirão seus efeitos, no tempo oportuno. A história dos homens é farta em viradas e novas aberturas, não raro, contra toda e qualquer expectativa meramente humana. Com certeza, ela é governada, se não por uma "astúcia da razão", por uma Providência que é, afinal, o fundamento

do otimismo realista do teólogo ecumênico Hans Küng, que merece toda consideração e respeito, por sua contribuição para a pacificação dos espíritos, das religiões, das culturas.

Em fevereiro de 2006, realizou-se na PUCRS, em Porto Alegre, a IX Assembléia do Conselho Mundial das Igrejas, com a participação de representantes de 110 países. O Conselho é constituído de 347 igrejas cristãs, não incluída a católica, que todavia funciona como parceira e observadora. A realização da Assembléia, em atmosfera de acolhimento, amizade e convívio fraterno, evidencia que o entendimento e a cooperação entre essas instituições, cujo relacionamento ao longo da história sem sempre foi pacífico, é não só possível, mas real e em avanço progressivo. Abre-se, com certeza, uma expectativa de futuro promissor na direção do objetivo comum, que é o de alcançarem maior compreensão mútua, diálogo, cooperação e unidade, para a edificação de um mundo melhor, mais justo, pacífico e fraterno, em conjunto com as demais forças vivas das comunidades. É precisamente na dimensão delineada por Hans Küng.

Entrevista da semana

“O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?”

ENTREVISTA COM PIERRE SANCHIS

“O indivíduo sente-se mais autônomo no comando do seu universo religioso pessoal na medida em que as ofertas institucionais que o assediam são mais variadas.” O Brasil como um país de pluralismo religioso é o tema tratado por Pierre Sanchis, pesquisador do Instituto Superior dos Estudos da Religião na entrevista a seguir.

Pierre Sanchis possui graduação em Teologia pela Université de Strasbourg, mestrado em Ethnologie Antrhopologie et Science des Religions pela Université de Paris VII e doutorado em Sociologie pela École des Hautes Études en Sciences Sociales. Pierre ainda é professor na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) desde 1999 e autor de As etapas pré-cristãs da descoberta de Deus. Uma chave para a análise do cristianismo latino - americano (Petrópolis: Vozes, 1968).

A entrevista foi publicada nas Notícias Diárias do dia 1-12-2006. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Uma questão que tem saltado aos olhos é a da dinâmica que tem perpassado o campo das religiões no Brasil nas últimas décadas. O senhor poderia falar para nós dos movimentos mais visíveis dessa dinâmica?

Pierre Sanchis - A sua pergunta, como que sem querer, aponta para o que me parece o problema essencial que atravessa o campo religioso brasileiro contemporâneo. Você fala, sem mais, do campo “das religiões”. Mas pode assim querer tratar de “religião” no singular, uma dimensão da vida social, muito presente em toda a história da sociedade brasileira, ou das “instituições religiosas”, no plural, que cristalizam, na concretude do

social, esta dimensão. Durkheim¹ já distinguia a experiência do “Sagrado”, e a “religião”, que organiza socialmente esta experiência. A atual versão desta distinção seria entre “religião” e “religiões institucionais”. Aconteceu-me perguntar, num título de artigo: “O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?”. Talvez aí esteja o movimento mais visível da dinâmica religiosa contemporânea. Paradoxalmente, junto com uma tendência de enfraquecimento e privatização da religião, alarga-se, e torna-se mais

¹ David Émile Durkheim (1858-1917): conhecido como um dos fundadores da Sociologia moderna. Foi também, em 1895, o fundador do primeiro departamento de sociologia de uma universidade européia e, em 1896, o fundador de um dos primeiros jornais dedicados à ciência social, intitulado L'Année Sociologique. (Nota da *IHU On-Line*)

público, o âmbito do que se poderia chamar certa experiência religiosa, mas esta experiência vai se tornando independente das instituições que, até agora, costumavam enquadrá-la. Isso não quer dizer que estas instituições tendam a desaparecer. Sem dúvida, pelo menos algumas delas se enfraquecem; mas outras - ou as mesmas em outros momentos - podem eventualmente se afirmar e fortalecer. O que muda, de modo geral, é a relação do fiel com a sua instituição de referência. Nesta relação, é o pólo do indivíduo, da subjetividade até, da experiência pessoal, que passa a assumir a primazia.

***IHU On-Line* - O debate sobre pluralismo religioso tem mobilizado os pesquisadores. O senhor poderia fazer alguns comentários sobre essa questão?**

Pierre Sanchis - Uma questão em parte correlativa à minha resposta anterior. O indivíduo sente-se mais autônomo no comando do seu universo religioso pessoal na medida em que as ofertas institucionais que o assediam são mais variadas. Com facilidade até ele poderá compor-se uma identidade plural ou, se de referência única, mais relativa e modulada conforme as iniciativas de suas intuições, de seus desejos, de seus sentimentos, emoções e experiências. Isso, por um lado, e em certos espaços sociais. Por outro lado, a dimensão do absoluto continua sendo um marcador no campo da religião, e o encontro generalizado de religiões que conhece o mundo contemporâneo significa o encontro de absolutos diversos. Quer dizer, com frequência, o confronto de vários absolutos. O conflito. Sabemos o risco que isto significa em termos de concórdia familiar e cívica, em termos de paz mundial. Se houver no mundo de amanhã (e já há) um problema abrangente e multifacetado, será o do gerenciamento das diferenças identitárias, de vários tipos e especialmente religiosas e étnico-religiosas, no sentido da convivência e da paz.

***IHU On-Line* - O senhor produziu uma série de pesquisas sobre religião no Brasil. Fale um pouco sobre esses trabalhos.**

Pierre Sanchis - O que me chamou primeiro a atenção, depois de certa familiaridade com a religião brasileira “geral”, foi o não-monolitismo desta religião. Aquele problema que, em tempos idos, se costumava chamar de “catolicismo popular” (e não tenho tanta certeza assim que tenha sido um “falso problema”) impunha a constatação da existência, no interior do catolicismo, de vários sistemas religiosos. Todos eles, no entanto, “católicos” e todos eles “brasileiros”. Acho que foi dali que decorreram as minhas ênfases, teóricas e empíricas: manifestações religiosas populares, catolicismo, o catolicismo e o grupo social brasileiro, sincretismo. Com alguns pontos de cristalização, sempre prontos a aparecer, como a relação do grupo “negro” com o catolicismo. Uma aparente dispersão de interesse, na realidade a permanência de um veio de interpretação. Com a certeza de que se tratará sempre de um problema e nunca de uma solução.

***IHU On-Line* - O seu interesse acadêmico incidiu bastante na reflexão sobre o catolicismo. Em clássico trabalho sobre o tema, você afirmou que o catolicismo no Brasil é marcado pela pluralidade e por uma identidade pontuada por específicos mecanismos de fagocitose. Você poderia explicar isso um pouco melhor?**

Pierre Sanchis - Sem querer, imagino que acabo de responder, pelo menos em parte. Acrescentarei que aquela primeira impressão empírica da pluralidade dos catolicismos acompanhou-se logo de uma reflexão teórica, que me impunha conjugar esta multiplicidade com um esquema de princípio unitário. Pensei encontrar, na procura de uma “estrutura”, o jeito de combinar - sempre heurísticamente, mas com um proveito real de compreensão - o princípio unitário de um “catolicismo”

permanentemente reconhecível com a multiplicidade de suas realizações históricas. Estas, resultado das sucessivas e concomitantes inserções deste princípio em situações sociais, econômicas, políticas, civilizacionais, enfim religiosas, as mais diversas. Para dizê-lo numa palavra, a dimensão de “catolicismo”, no interior mesmo do cristianismo, parece-me a constante tentativa - a um só tempo promissora e frustrada - de expressar uma Fé (absoluto da entrega individual à salvação pela Pessoa de Cristo) através de e pelo corpo social de uma religião. Uma Fé feita Religião. Uma Igreja sacramental, e não simplesmente funcional. O que implica, a montante um especial Mito de origem desta igreja, e, a jusante, um universo mediador complexo, sacramental, santoral, cósmico, que deverá (criticamente) se alimentar, no decorrer da história, das realidades humanas que se apresentarem a ele. Inclusive das religiões. Neste sentido, o problema do “sincretismo” (mesmo se existirem boas razões para não lhe dar este nome), é conatural à dimensão “católica”. Uma dimensão que vai além da única instituição religiosa que lhe tem o nome.

IHU On-Line - Como o senhor tem percebido as relações entre mudanças religiosas e mudanças culturais em nosso país?

Pierre Sanchis - Em nosso país? As incursões que a gente pode fazer nas literaturas analíticas sobre a religião no mundo contemporâneo, parecem apresentar uma problemática global muito semelhante. “Modernidade” tende a ser uma, “globalização” a ser uniforme. E, no entanto... A modernidade não se implanta nas várias sociedades senão em cima de características que a história lhes deu, e a partir dessas. O resultado acaba sendo diversificado. No Brasil, então, os traços da universal secularização, individualização, racionalização crítica articulada ao cultivo da experiência e da emoção, vão se apresentar como marcados por alguns outros, que me parecem

particularmente presentes na história cultural da sociedade brasileira. Citarei - e seria preciso matizar - uma presença superlativa da religião, a vivência socializada em meio a um universo de entidades ultra-empíricas, com quem se estabelecem relações quotidianas, enfim certa porosidade das identidades que favorece um clima que poderia chamar-se, a condição de bem definir o termo, de “sincrético”. É pelo menos com uma chave deste tipo que tento analisar a relação de “cultura” e “religião” na atual sociedade brasileira.

IHU On-Line - Você podia traçar para nós sua trajetória pessoal até a antropologia da religião?

Pierre Sanchis - Desde a minha primeira chegada ao Brasil tinha sido impressionado pelo tipo de relação entre uma cultura, que me parecia de grande riqueza e originalidade e a expressão religiosa que, sem tentar lhe corresponder, era sobretudo reafirmativa de dimensões universais. A experiência da “Missa do Morro”, em Salvador, mais tarde um trabalho no Centro de Formação Intercultural de Petrópolis¹, inspirado nas idéias de Ivan Illich² e que tentava “aculturar” ao Brasil os voluntários, em grande parte missionários, que lhe chegavam do mundo inteiro, parecerem-me confirmar a urgência do estudo desta relação difícil e delicada entre cultura e religião. É para ela - sem exclusividade - que me voltei quando entrei explicitamente na perspectiva antropológica. Um dos meus trabalhos de Mestrado foi precisamente sobre a Missa do Morro, a minha pesquisa de doutorado se deu em Portugal, à procura do sentido das Festas de Santos e das Romarias. Quando voltei ao Brasil, é a rivalidade do estamento militar com o estamento eclesiástico em torno da gerência do “Brasil-

¹ Este centro continua em funcionamento em Brasília-DF. (Nota da *IHU On-Line*)

² Ivan Illich (1926-2002): pensador autor de uma série de críticas às instituições da cultura moderna, escreveu sobre educação, medicina, trabalho, energia, ecologia e gênero. (Nota da *IHU On-Line*)

Pátria” que me pareceu importante estudar naquela hora. Enfim, raízes culturais, tanto afro quanto portuguesas, bem como embates político-religiosos atuais, era do Brasil e especialmente do Brasil católico que se tratava. De um modo ou de outro, continuou assim.

IHU On-Line - Como você avalia a situação atual das ciências sociais da religião no Brasil?

Pierre Sanchis - Imagino que se possa resumir assim a trajetória recente das ciências sociais da religião no Brasil: Um primeiro momento bastante ocupado por um estudo clássico de sociografia religiosa, em perspectivas ligadas às grandes religiões tradicionais, especialmente o catolicismo. Já então pelo menos uma obra (Candido Procópio) prenunciava uma segunda etapa, mais pluralista e mais crítica, mais especificamente “brasileira” também. Mas um grande problema se generalizava: no cerne mesmo da instituição “oficial” católica, que continuava sendo o centro das atenções, inscrevia-se a existência de um(uns) sistema(s) marginal(ais) (institucionalmente marginais mas socialmente centrais...), que esta sua densidade sociológica exigia que fosse - também - considerado essencial: o catolicismo popular. Por sua vez, nesta dialética entre o “popular” e o “institucional oficial” inscrevia-se, no momento que atravessava a sociedade brasileira, um dramático embate de ordem política. “Religião popular”/”Doutrina oficial”/”Teologia da Libertação”: como se ia distribuindo consciência política e alienação? Quando a urgência política perdeu de sua agudeza apareceu outra problemática: em que consistiria a dimensão propriamente religiosa da religião?

E qual o destino da importância social desta dimensão na sociedade contemporânea? O tema da secularização ocupou então longamente as atenções dos analistas. Como a resposta ao problema assim posto não se inscrevia nas perspectivas nem de confirmação

repetitiva nem de próximo desaparecimento, emergia a consciência de uma decisiva transformação. Consciência acompanhada de dupla constatação. Por um lado, junto com uma menor intensidade difusa da referência religiosa existencial, sobretudo socialmente pública, a multiplicidade de focos de expansão de uma experiência individual (eventualmente coletiva), que se poderia chamar de “religiosa”, e até de “mística”, embora mística de corte imanentista. Por outro lado a relativização do laço reconhecido desta experiência com as instituições, sobretudo aquelas mais tradicionais, que aparecem como recebidas por herança e menos abrem espaço à expressão individual de visão de mundo e convicção ética. Novo campo de observação e análise: uma religião de experiência, de decisão subjetiva, que procura - ou não - sua articulação com as instituições religiosas que o universo midiático não pára de manifestar, diversificar, ecoar e propor.

Mas uma última etapa parece se desenhar hoje. As instituições tradicionais, elas também, apresentam cada vez mais brechas por onde podem inserir-se experiências, subjetividades, relativizações... As mais recentes observações talvez tenham isso de inesperado: é quando parecia enfraquecer-se a força ordenadora das religiões sobre um fenômeno religioso caoticamente efervescente, que no seio mesmo dessas religiões nascem espaços onde esses traços encontram abrigo e legitimação. Lembremos das aparições mariais e do Movimento Carismático na Igreja Católica, do sufismo no Islã brasileiro, do fascínio exercido pelo budismo ou pela meditação transcendental, etc. Parece que está sendo procurado um acerto de novo tipo entre a autonomia (criativa) do indivíduo e a adesão confirmadora a uma “Igreja” (no sentido de Durkheim). Não sem a presença de franjas de sincretismo e também não sem ambivalência, em constante processo de solução, entre conservatismo e novidade, permanência e transformação.

Imagino que tudo isso significa um itinerário produtivo, num campo extremamente dinâmico, e a prospectiva de muitos novos estudos, empíricos (já os tem em rica quantidade e outros continuam bem-vindos) e também teóricos, que a hora talvez exija em maior número.

IHU On-Line - Você podia comentar um pouco sobre o seu trabalho em torno da "missa do morro", realizada nos anos 60, e suas repercussões no campo da inculturação?

Pierre Sanchis - Anos de grande fermentação, sóciopolíticas e religiosas. Com repercussões na dimensão ritual, importante no catolicismo. Ora, parecia-me evidente que os agentes da renovação não chegavam a dar um passo decisivo, em direção à introdução na liturgia católica de elementos rituais que tornariam sensível e presente nela a cultura brasileira, especialmente popular. A realização da "Missa do Morro", na Bahia (uma expressão musical que foi percebida como evocadora do candomblé, com acompanhamento dos instrumentos baianos típicos), foi tentativa neste sentido, e a repercussão que ganhou, no nível da mídia e do cotidiano de uma opinião crítica, me permitiram analisar como, através de um fato limitado e aparentemente bem específico, estavam de

fato concernidos todos os níveis da realidade social, religiosa e política do momento, não só no plano local, mas nacional e além. Um acontecimento ritual mínimo cristalizava várias dimensões contraditórias de uma situação religioso-política explosiva.

Tratava-se, então, de "aculturação". Hoje, os estudos, inclusive antropológicos, se multiplicam sobre uma dimensão mais profunda, a "inculturação", que poderia representar, em princípio, não só uma aproximação, em sentido único, de uma religião com algumas expressões culturais dos povos que a recebem, mas um encontro reformulador de mão dupla entre o eixo fundamental de uma religião e o cerne de uma cultura. Imagino que tal fórmula não esconde nada dos problemas agudos que ela encerra... E que o exemplo concreto da Missa do Morro, situado em perspectiva, por exemplo, e para citar só um, com o dos Agentes de Pastoral Negros, evidencia o papel da história, que teima em reapresentar ao trabalho de análise problemas aparentemente permanentes, mas em nova roupagem, com complexidade crescente, atores recém-afirmados e repercussão mais densa na espessura da vida social.

Artigo da semana

Necessidade de crer. Um ponto de vista laico

TRECHO DO NOVO LIVRO DE JULIA KRISTEVA

Saiu nestes dias, em italiano, o livro Bisogno di credere. Un punto di vista laico, da filósofa Julia Kristeva. O jornal italiano La Repubblica, 8-12-2006, publica um trecho do novo livro que traduzimos. O artigo foi publicado no sítio do IHU nas Notícias Diárias do dia 9-12-2006.

“Depois de ter constatado que o humanismo racionalista tinha falido, desembocando no totalitarismo do século XX, e depois de ter anunciado que teria falido novamente desembocando na automação econômica e biológica que ameaça a espécie humana no século XXI, dois prestigiosos interlocutores, Joseph Ratzinger e Jürgen Habermas concordam ao declarar que as democracias modernas estão desorientadas por não terem uma autoridade “superior” confiável, a única capaz de normatizar a corrida desenfreada da liberdade. A convergência entre o filósofo e o teólogo deixa entender que o retorno à fé se impõe como a única via de saída capaz de garantir uma estabilidade moral, diante dos riscos da liberdade. Em outros termos, já que as democracias constitucionais necessitam de “pressupostos normativos” para fundar o “direito natural” e o Estado secularizado não dispõe da “ligação que unifica” (Böckenförde¹), seria indispensável constituir uma “consciência conservadora” que se nutrisse da fé (Habermas), ou que fosse uma “correlação entre a razão e a fé” (Ratzinger).

Em contraponto a tais hipóteses, proponho pensar que nos encontramos já de frente, particularmente nas democracias avançadas, a experiências pré-políticas ou transpolíticas que tornam caduco qualquer apelo à “consciência normativa” e ao binômio razão-revelação: experiências que se encaminham para uma refundação do humanismo nascido do Iluminismo, sem recorrer ao irracional. É precisamente neste ponto nevrálgico da

¹ Ernst Wolfgang Böckenförde: escritor alemão e ex-juiz do Tribunal Constitucional da Alemanha. (Nota da IHU On-Line)

modernidade que se colocam a experiência literária - com o pensamento teórico de que é inseparável - e a descoberta freudiana do inconsciente. Não ignoro, não ignoremos que a contribuição que tais experiências têm dado para tornar mais transpolítica, a tal ponto de fundar aquela “ligação unificante” que falta à racionalidade política secularizada. Esta é, contudo, a hipótese - alternativa à posição compartilhada por Böckenförde, Habermas e Ratzinger - que defendo nos meus trabalhos.

Diferentemente daquilo que nos querem fazer crer, o conflito de religiões é somente um fenômeno de superfície. O problema do início do terceiro milênio não é a guerra de religiões, mas a falha e o vazio que divide, hoje, aqueles que querem saber que Deus é inconsciente e aqueles que preferem não sabê-lo, para poderem gozar melhor do espetáculo que anuncia que Ele existe.

O universo midiático globalizado sustenta com todo o seu aparato de idéias e financeiro a segunda opção: não querer saber nada para melhor gozar do virtual. Em outros termos: gozar no ver prometida - e contentar-se de ter a promessa - a fruição dos bens garantidos pela Promessa de um Bem superior. A situação, por causa da globalização da negação que lhe é consubstancial, não tem precedentes na história da humanidade. A nossa civilização catódica, satura de seduções e de desilusões, revelou-se propícia para a fé. É o que favorece o retorno ou o reviver das religiões. Nietzsche² e Heidegger¹ já nos

² Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as

advertiram disso: o homem moderno, pela “ausência de um mundo sensível e supra-sensível, é dotado de poder coercitivo”. O aniquilamento da autoridade divina e, com ela, de toda e qualquer autoridade, estatal ou política, não conduz obrigatoriamente ao nihilismo nem ao seu contrário simétrico. O integralismo que assalta os infiéis, fazendo do divino um valor e até o “valor supremo”, os transcendentalistas se aproximam do utilitarismo nihilista. Como estar consciente disso, hoje, sem, no entanto, enfiar-se num humanitarismo estreitamente racionalista ou numa espiritualidade romântica?

Eu sustento que a alternativa à crescente religiosidade, como ao seu contrário - que é o nihilismo obtuso - está já presente naqueles lugares do pensamento que nós buscamos não ocupar mas fazer viver. Nós quem?

Nós, que pertencemos ao vasto continente das ciências humanas, com o nosso envolvimento nas línguas e na literatura. A literatura e a escritura são uma experiência da língua transversal à identidade (de gênero, nacionais, étnicas, religiosas, ideológicas etc.). Entretanto,

mais importantes *Assim Falou Zaratustra*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; *O Anticristo*. Lisboa: Guimarães, 1916; *A Genealogia da Moral*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004. Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*. (Nota da *IHU On-Line*)

¹ Martin Heidegger de Messkirch (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. Confira, ainda, o nº 12 do *Cadernos IHU Em Formação* intitulado *Martin Heidegger. A construção da metafísica*. (Nota da *IHU On-Line*)

cúmplices e hostis que sejam à psicanálise, à literatura e à escritura, elaboram um conhecimento cheio de riscos, singular e compartilhado no desejo de sentido ancorado no corpo sexuado. Assim fazendo, a literatura e a escritura colocam na pauta o binômio metafísico razão versus fé, em torno do qual, no passado, se constituiu a escolástica. Convidam-nos a construir um discurso interpretativo, crítico e teórico, conseqüente com as propostas das ciências humanas e sociais, que é um elemento decisivo no construir a refundação do humanismo de que necessitamos.

Quem se expõe à experiência literária e, de modo diferente, mas cúmplice, quem se expõe à experiência psicoanalítica, ou simplesmente está atento ao que está em jogo - como nós, neste caso -, sabe que a contraposição entre razão e fé ou entre norma e liberdade não é mais sustentável se o ser falante que eu sou não se pensa mais como dependente de um mundo supra-sensível, e ainda menos por um mundo sensível “dotado de um poder coercitivo”. Sabe também que este eu que fala se desvela a si mesmo enquanto é construída uma ligação vulnerável com um objeto estranho, um outro ek-estático: a coisa sexual (outros dirão: o objeto da pulsão sexual cuja “onda portadora” é a pulsão de morte). A ligação vulnerável com a coisa sexual e nessa - sobre a qual se funda a ligação social ou sagrada -, não é outra coisa que a ligação heterogênea, a fronteira entre a biologia e o sentido do qual dependem as nossas línguas e os nossos discursos, que se encontram modificados e que, recursivamente, modificam a ligação sexual.

No apreender a aventura humana, a literatura e a arte não constituem outra coisa que um ornamento estético, assim como a filosofia ou a psicanálise não pretendem levar à salvação. Contudo, cada uma destas experiências, com as suas diversidades, se propõe como o laboratório de novas formas de humanismo. Compreender e acompanhar o sujeito falante na sua ligação com a coisa

sexual nos dá a oportunidade de enfrentar as novas barbáries da automatização sem recorrer às proteções propostas pelo conservadorismo que infantiliza, libertos daquele idealismo míope no qual se enfia o racionalismo banalizante e mortífero.

Se, no entanto, a aventura que pode ser delineada pondo-nos na escuta da literatura e das ciências humanas do século XX deixa pressagiar uma refundação do humanismo, a sua realização e as suas conseqüências não podem ser, para parafrasear Sartre, mais do que “cruéis e de longo respiro”.

Faço parte de uma geração que refutou o humanismo mole, aquela vaga idéia do “homem” esvaziada de

substância, ligada a uma fraternidade utopística que se referia ao Iluminismo ao contrato pós-revolucionário. Hoje, parece-me não somente importante, mas possível retomar de outro modo aqueles ideais, porque estou persuadida que aquela que é chamada de “modernidade” e que, muitas vezes, foi denegrida, foi um momento crucial na história do pensamento. Não hostil às religiões e, muito menos complacente nos seus confrontos, o pensamento no qual me reconheço é talvez a nossa única oportunidade no confronto com o aumento do obscurantismo e como seu reverso que é a gestão técnica da espécie humana.”

Filme da Semana

O Caminho para Guantánamo

TODOS OS FILMES COMENTADOS NESTA EDITORIA JÁ FORAM VISTOS POR ALGUM COLEGA DO IHU

Ficha Técnica:

Nome: *O Caminho para Guantánamo*

Nome original: *The Road to Guantánamo*

Cor filmagem: *Colorida*

Ano produção: *2006*

Gênero: *Documentário - Drama*

Classificação: *livre*

Direção: *Michael Winterbottom*

Sinopse: *quatro jovens de origem paquistanesa ou bengali, moradores em Londres, viajam ao Paquistão para o casamento de um deles. Antes disso, vão ao Afeganistão. Mas, um mês depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, o clima é de paranóia no mundo. Eles acabam acusados de terrorismo e enviados para a temível prisão secreta de Guantánamo, Cuba, sob controle dos americanos.*

Mídia dos EUA é racista, acusa cineasta

Para Winterbottom, de "O Caminho para Guantánamo", imprensa duvida dos protagonistas de seu filme por eles serem muçulmanos. Obra mistura ficção e realidade para contar a história de três jovens ingleses detidos sem acusação na prisão dos EUA. Ele faz essa e outras afirmações em entrevista para Luciana Coelho, que reproduzimos a seguir, e que foi publicada no jornal Folha de S. Paulo, de 17-11-2006.

Acordar as pessoas do torpor político que tomou parte do mundo quanto à guerra ao terror de George W. Bush era a meta do diretor britânico Michael Winterbottom com seu "O Caminho para Guantánamo", que estréia hoje

no país. Para tanto, o cineasta, que costuma mesclar realidade e ficção, decidiu contar a história dos Três de Tipton -três jovens muçulmanos britânicos detidos durante quase dois anos por militares americanos sem

nenhuma acusação. Munido de horas de depoimento, Winterbottom reproduziu na tela a história que Shafiq, Ruhel e Asif lhe contaram, desde outubro de 2001, quando deixaram Tipton (reduto de imigrantes islâmicos no centro da Inglaterra) rumo ao Paquistão para o casamento de Asif, até março de 2004, quando saíram de Guantánamo. Apesar do limbo legal dos mais de 400 "combatentes inimigos" detidos na prisão dos EUA em Cuba ser um dos principais alvos das críticas ao governo Bush, foi a versão de como os Três de Tipton acabaram presos o que mais atraiu a atenção da mídia americana ao falar do filme. "Racismo" é a leitura de Winterbottom. "Se fossem três cristãos brancos que tivessem ido para algum país para ajudar quem precisasse, ninguém ia achar que eles estavam mentindo", disse o cineasta. A seguir, trechos da entrevista do diretor à Folha, feita por telefone, de Nova Déli (Índia), onde filma "A Mighty Heart".

FOLHA - Como trabalhar simultaneamente com ficção e realidade?

MICHAEL WINTERBOTTOM - Isso muda de filme para filme. Por exemplo, em "A Festa Nunca Termina" queríamos contar histórias reais, que as pessoas tivessem a sensação de que aconteceram, mas ao mesmo tempo tínhamos um compromisso um pouco mais frouxo com os fatos, o importante era narrar a experiência. Já em "O Caminho para Guantánamo" a idéia era que essas três pessoas passaram por isso, e nós tentamos contar sua história. Em vários sentidos foi bem simples: eles nos contavam o que havia acontecido, e nós tentávamos fazer disso um filme.

FOLHA - Uma reconstituição?

WINTERBOTTOM - Exatamente. E eu não estou falando de uma versão ficcionalizada da história. Nós nos

ativamos ao que eles disseram, não tentamos criar um tipo X de personagem nem momentos dramáticos.

FOLHA - Como você decidiu filmar a história dos Três de Tipton?

WINTERBOTTOM - Quando foram soltos, contatamos o advogado deles. Nossas conversas duraram uns seis meses até que os três topassem a idéia. Então fomos até a casa deles e praticamente vivemos com eles por um mês - todos os dias íamos lá e gravávamos os depoimentos. Depois, tínhamos horas de gravação e cerca de 400 páginas de transcrições com a versão deles dos fatos. Isso virou uma espécie de manuscrito do filme.

FOLHA - A reconstituição foi baseada somente nesses depoimentos?

WINTERBOTTOM - Houve outros testemunhos que acabaram ajudando a contextualizar, como um livro escrito por um interrogador americano que foi responsável por eles em Candahar. Também para filmar a operação no Afeganistão tínhamos imagens reais de telejornais da época. Da mesma forma, para Guantánamo, também tínhamos muita filmagem de arquivo oficial para reconstituir exatamente como ela é.

FOLHA - Ainda assim, houve críticas na imprensa ao fato de você ter baseado o filme na versão deles.

WINTERBOTTOM - Quanto a questionarem a versão deles para ir para o Afeganistão, para mim é impossível dizer exatamente o que aconteceu. Você tem três pessoas que dizem que foram até Karachi, ouviram numa mesquita que irmãos muçulmanos precisavam de ajuda no Afeganistão e decidiram ir para lá. Eu estava nessa mesma época no Paquistão e absolutamente todo mundo com quem eu falava achava que, como bom muçulmano, deveria ajudar seus irmãos no Afeganistão. A idéia de que você precisa ser um radical ou um extremista para fazer isso é uma besteira.

FOLHA - Como você acha que essa experiência os afetou?

WINTERBOTTOM - Só os conheci depois, mas eles dizem ter descoberto com tudo isso uma religiosidade que não tinham.

FOLHA - Cinco anos após o 11 de Setembro, as platéias estão mais sensíveis a esse tipo de história?

WINTERBOTTOM - Tenho dúvidas. Normalmente eu vinha conseguindo reações positivas, mas quando mostrei o filme nos EUA, para jornalistas, havia essa inferência de que eles [os Três de Tipton] deveriam estar mentindo. Que para estar lá os caras tinham de ser terroristas, porque afinal a América tem de combater as pessoas más [fala de Bush reproduzida no filme], logo eles são pessoas más. Foi deprimente.

A aberração jurídica de Guantánamo

Também reproduzimos o artigo de Luiz Carlos Merten sobre o filme que destacamos na edição desta semana. O texto foi publicado no jornal O Estado de S. Paulo, em 17-11-2006.

Michael Winterbottom soube da história ao ler no The Guardian, importante jornal de Londres. Um jovem paquistanês, que vivia na Inglaterra e deveria se casar com uma noiva prometida na terra de seus pais, marcou encontro com três amigos no Afeganistão. Dali seguiriam para Faisalabad, para o casamento. Quando começaram os bombardeios americanos no Afeganistão, um deles sumiu (foi morto?) e os três restantes, incluindo Asif Iqbal, o noivo, foram levados para a base de Guantánamo, em Cuba, onde o governo do presidente George W. Bush isola suspeitos de terrorismo, após o 11 de Setembro. “Mesmo se eles fossem culpados, seria uma aberração jurídica”, disse Winterbottom, em Berlim, em fevereiro, onde A Caminho de Guantánamo integrou a competição (e ganhou o Urso de Prata de melhor direção). O filme tem um co-diretor, Mat Whitecross, que foi o montador de Nove Canções.

Fica até difícil dizer qual é o número que Nove Canções ocupa na obra de Michael Winterbottom. Não há diretor mais prolífico no cinema atual. Em pouco mais de dez

anos, seu currículo contabiliza uns 15 filmes e, a esta altura, não é difícil imaginar que mais um ou dois já tenham sido feitos por Winterbottom. Ele não se acha prolífico. Diz que as novas tecnologias permitem a qualquer um filmar tanto quanto ele. “O que não dá é para ficar montando projetos caros, que vão exigir grandes investidores. Além de demorar muito para dar o sinal verde, eles vão querer segurança, retorno do investimento. Ou seja, além de demorados, os filmes ficam mais conservadores.”

Ao longo de sua carreira, Winterbottom tem feito ficções que integram elementos documentais. Mas ele acha problemático fazer filmes a partir de fatos e personagens reais, como A Caminho de Guantánamo. “Gosto de improvisar e de incorporar o que ocorre no set ao filme acabado, e isso raramente é possível nesses casos.” Quando leu a história dos paquistaneses no inferno de Guantánamo, os três, Shafiq, Ruhel e Asif, estavam prestes a ser libertados. Winterbottom imediatamente se interessou pelo assunto, mas o trio não

aceitou nem conversar com ele. Seis meses depois, mudaram de idéia e o contactaram por meio de seu advogado. “Fiquei morando um mês com eles e realizei horas de entrevista, que serviram de base para a elaboração do roteiro.”

No filme, os três são interpretados por atores, mas Shafiq, Ruhel e Asif foram em pessoa ao Festival de Berlim, para o debate com a imprensa mundial, após a exibição do filme. De volta à Inglaterra, foram detidos para interrogatório. Na entrevista que deu ao repórter do Estado, Winterbottom já havia dito que os três podem ter sido libertados de Guantánamo, mas continuam sendo discriminados. “Há uma união Inglaterra/EUA contra os islâmicos, que são sempre culpados, mesmo com prova em contrário. Para todos os efeitos, a suspeita de terrorismo continua pesando sobre Asif.”

No filme, como na realidade, a suspeita baseia-se no fato de que estavam num ônibus, com outros paquistaneses, e os interrogadores americanos afirmaram ter visto fotos deles com seguidores ou integrantes da família Bin Laden. Daí a serem acusados de terrorismo (e enviados para Guantánamo) foi um passo. Se você se lembrar de Fahrenheit 11 de Setembro, por mais que Michael Moore possa ser acusado de parcialidade e

manipulação, ele prova, por A mais B, a ligação da família Bush com a família Bin Laden - e que o presidente autorizou a saída de integrantes da família de Osama dos EUA, ao mesmo tempo que iniciava a caçada a suspeitos de terrorismo como os personagens de A Caminho de Guantánamo. Winterbottom tem um método, muito mais que um estilo. Ele gosta de fazer filmes bem diferentes uns dos outros e, por isso, recusou a oferta de dirigir um drama baseado na história do jovem brasileiro que foi morto pela polícia no metrô de Londres. Logo depois de A Caminho de Guantánamo, ele temia repetir-se, com outra história (real) de injustiça baseada na desconfiança. Winterbottom também não acha que tenha um só público. “Meus filmes diferem tanto que imagino que tenha um público para cada um deles.”

O que os une, além do método, é o desejo de combater a indiferença. “Faço filmes para provocar”, ele diz. Sua provocação foi aceita pelo júri de Berlim, presidido por Charlotte Rampling. No recente Festival do Rio, a atriz de Os Deuses Malditos, de Luchino Visconti, e O Porteiro da Noite, de Liliana Cavani, explicou o prêmio para Winterbottom e Whitecross dizendo que o cinema que lhe interessa é político e o filme deles honra uma bela tradição do gênero.

Notícia relacionada

Também sobre o filme da semana, publicado no jornal O Estado de S. Paulo, 9-12-2006.

EUA abrem ala de segurança máxima em Guantánamo. Militares americanos inauguraram ontem, 8-12-2006, o “Campo 6”, uma nova ala de segurança máxima na prisão de Guantánamo, em Cuba. Um total de 42 detentos foram transferidos para as suas instalações, que contam com 178 celas individuais e custaram US\$ 37 milhões. Segundo o comandante Robert Durand, o “Campo 6” foi

projetado para limitar o contato entre os presos e prevenir ataques aos guardas. Lá, até o pátio foi dividido em pequenos espaços para serem usados por um único detento. Os EUA mantêm no centro de detenção de Guantánamo cerca de 430 suspeitos de terrorismo, a maior parte sem acusação formal. Em junho, três se suicidaram.

Terra habitável

A editoria *Terra habitável* reproduz informações das *Notícias Diárias do sítio do IHU sobre meio ambiente*. As notícias podem ser conferidas na íntegra nas datas correspondentes.

Crescimento e meio ambiente opõem Dilma e Marina

O embate entre o Ministério do Meio Ambiente e a Casa Civil em torno das restrições aos projetos de infraestrutura está longe de ter um fim. Apesar da possibilidade da regulamentação do artigo 23 da Constituição Federal, delimitando as atribuições de cada ente federado dentro da legislação ambiental - o que deve acontecer em meados deste mês - a questão de fundo é de concepção: a ministra Dilma Rousseff foi

escalada para, segundo aliados, "fazer as coisas acontecerem no governo". A ministra Marina Silva estaria impedindo o desenvolvimento ao defender a questão ambiental, uma área enredada em legislações superpostas e interesses diversos. A reportagem é do jornal *Valor*, 5-12-2006 e reproduzida pelas *Notícias Diárias* do sítio do IHU em 5-12-2006.

Gado agrava mais aquecimento da Terra que carros, diz

ONU

Excremento e abertura de pasto respondem por 18% dos gases do efeito estufa; 9% da emissão mundial de dióxido de carbono (CO₂) vem dessa atividade, que está ligada à queima de combustíveis fósseis e à conversão do solo em pasto; 65% do ácido nitroso emitido no mundo é resultado da alimentação dos animais; este gás-estufa é 296 vezes mais perigoso para o ambiente do que o CO₂;

37% do metano produzido por atividades humanas vem principalmente do sistema digestivo dos ruminantes; o gás é 23% pior do que o CO₂. Esses são alguns dados do relatório *A grande sombra do gado*, da FAO. As informações são de reportagem de *O Estado de S. Paulo*, 30-11-06, e reproduzida pelas *Notícias Diárias* em 5-12-2006.

Plantios de eucalipto estão secando fontes de água da Grande Vitória

A intensificação dos plantios de eucalipto na região serrana do Espírito Santo vai comprometer o abastecimento de água dos moradores da Grande Vitória. Já existem relatos de que nascentes e córregos que abasteciam as bacias dos rios Jucu e Santa Maria da

Vitória, que nunca secavam, depois dos plantios de eucalipto no seu entorno agora ficam sem água no período seco. A matéria é do jornalista Ubervalter Coimbra do *Século Diário de Espírito Santo*, 30-11-2006

e reproduzida pelas *Notícias Diárias* do sítio do IHU em 5-12-2006. Confira também notícia sobre o Grupo sueco/filândes Stora-Enso que implantará sua fábrica de

celulose no Rio Grande do Sul nas *Notícias Diárias* do dia 21-11-2006.

Crise da água pode afetar 41 milhões no semi-árido

Mais de 70% das cidades com população acima de 5.000 habitantes do semi-árido nordestino enfrentarão crise no abastecimento de água para consumo humano até 2025, independentemente da megaobra de transposição do rio

São Francisco, concluiu um estudo feito pela ANA (Agência Nacional de Águas). A notícia é do jornal *O Estado de S. Paulo*, 6-12-2006 e reproduzida pelas *Notícias Diárias* do sítio do IHU, em 6-12-2006.

O Pantanal e a grande sombra do gado

Carnes ocupam um lugar destacado na economia brasileira, principalmente na exportação. Que se pensa fazer? 'O custo ambiental por unidade de produção tem que cair para metade, só para impedir que a situação piore', diz o relatório da FAO. Quem ouvirá?", pergunta

Washington Novaes no artigo publicado, no jornal *O Estado de S. Paulo*, sob o título "A ONU está gritando. Quem vai ouvir?" reproduzido nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU no dia 8.12-2006.

Direito dos animais

"Quem nos deu o direito de tratarmos os animais como nossa propriedade?", pergunta a antropóloga Maria de Nazareth Agra Hassen em artigo publicado hoje, 9-12-2006, no jornal *Zero Hora*. A questão levantada no artigo foi tema de capa da revista *IHU On-Line* e de uma

entrevista no número 200, 16-10-2006, da mesma. As duas revistas estão disponíveis no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). Confira este artigo na íntegra no sítio do IHU nas *Notícias Diárias* do dia 9-12-2006.

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU

ESSA EDITORIA VEICULA NOTÍCIAS E ENTREVISTAS QUE FORAM DESTAQUES NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU. APRESENTAMOS UM RESUMO DOS DESTAQUES QUE PODEM SER CONFERIDOS, NA ÍNTEGRA, NA DATA CORRESPONDENTE.

Entrevistas exclusivas feitas pela IHU On-line disponíveis nas Notícias Diárias do sítio do IHU
(www.unisinos.br/ihu):

Entrevista com Gláucia Vilas Boas

Título: O pensamento sociológico brasileiro

A *IHU On-Line* entrevistou a doutora em sociologia pela Universidade de São Paulo, Gláucia Vilas Boas que lançou

o livro *Mudança provocada: passado e futuro do pensamento sociológico brasileiro* em que expõe a sua pesquisa sobre o pensamento sociológico brasileiro da

década de 1950. Confira a entrevista nas *Notícias Diárias* da página do IHU, no dia 5-12-2006.

Entrevista com Marlene Strey

Título: Violência intrafamiliar e de gênero: uma questão de saúde pública.

“A sociedade também é responsável pela violência intrafamiliar”, essa é uma das conclusões que a doutora em Psicologia, **Marlene Strey**, chegou ao desenvolver suas pesquisas sobre violência intrafamiliar e de gênero. Confira a entrevista nas *Notícias Diárias* da página do IHU, no dia 7-12-2006.

Entrevista com Sílvia Helena Zanirato e Edilaine Custódio Ferreira

Título: As questões antagônicas de Raízes do Brasil

Na edição 205 da *IHU On-Line*, o livro **Raízes do Brasil** de Sérgio Buarque de Holanda foi discutido por muitos acadêmicos brasileiros. Voltando ao assunto e aos 70 anos de lançamento da primeira edição do livro, conversamos com a doutora em História e professora de

Teorias da História na Universidade Estadual de Maringá, Sílvia Helena Zanirato e sua orientanda, mestre em História, Edilaine Custódio Ferreira. Ambas apresentam antagonismos da obra de Sérgio Buarque e explicam cada um deles. Confira a entrevista nas *Notícias Diárias* da página do IHU, no dia 7-12-2006.

Entrevista com Michel Le Ven

Título: "Discutimos muito mal essa questão do desemprego, pois não trabalhar não é uma catástrofe".

“A primeira coisa a ser pensada é uma nova política de Estado, pois o Brasil hoje só trabalha para produzir e consumir. As políticas públicas adotadas pelo governo atual acabaram saindo quase como políticas assistenciais, como o Bolsa Família, que não deixa de ser uma grande arma nas mãos do desemprego.” Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* do dia 8-12-2006.

Entrevistas e artigos que foram reproduzidos nas Notícias Diárias do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu):

Entrevista com Leonardo Boff

Título: “Na América Latina podemos ressuscitar o projeto socialista”

Leonardo Boff continua acreditando em Lula, mas também na necessidade de uma brusca mudança no Brasil. Em entrevista ao jornal argentino *Página/12*, 4-12-06. Confira a reprodução da entrevista nas *Notícias Diárias* da página do IHU, no dia 5-12-2006.

Entrevista com Michael Löwy

Título: Por um socialismo latino-americano no século 21

As organizações de esquerda precisam processar a fusão do pensamento marxista com as características particulares do povo da América Latina para promover a construção do socialismo do século 21. Para isso, é preciso incorporar as experiências dos diversos

movimentos sociais, em especial o indígena e o camponês, protagonistas nas lutas sociais na região. A opinião é de Michael Löwy, em entrevista para o *Jornal Sem Terra* - dezembro 2006. Löwy, cientista social brasileiro radicado há quatro décadas na França. Leciona na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, da Universidade de Paris. Confira a reprodução da entrevista nas *Notícias Diárias* da página do IHU, no dia 5-12-2006.

Um artigo de Victor Tirado López

Título: Um novo caminho para a Nicarágua?

Victor Tirado López, ex-membro da direção da FSLN, analisou as eleições presidências nicaraguenses em artigo publicado no jornal mexicano *La Jornada*, 25-11-06, que o Cepat traduziu. Confira a reprodução nas *Notícias Diárias* da página do IHU, no dia 5-12-2006.

A reflexão do editor de opinião do La Jornada

Título: “É eminente um ‘choque de trens’ no México”.

"Mais do mesmo, porém pior. Assim se resume a posição de Felipe Calderón frente aos graves problemas sociais que sacodem o país. O “choque de trens” entre um movimento social radicalizado, um movimento cidadão agredido e um governo federal torpe e endurecido é eminente". A reflexão é de Luis Hernández Navarro, editor de opinião do *La Jornada*, em artigo no dia 05-12-06. Confira a reprodução nas *Notícias Diárias* da página do IHU, no dia 6-12-2006.

Entrevista com Maurizio Lazzarato

Título: Capitalismo cognitivo e trabalho imaterial

Em entrevista à *Agência Carta Maior*, 5-12-2006, o filósofo e sociólogo italiano Maurizio Lazzarato, fala sobre o trabalho imaterial, capitalismo cognitivo, futuro das esquerdas, pós-socialismo e sobre seu trabalho com

artistas desempregados na França. Confira a reprodução da entrevista nas *Notícias Diárias* da página do IHU, no dia 6-12-2006.

Entrevista com Andrés Soliz Rada

Título: Um balanço da nacionalização na Bolívia

“Marco Aurélio Garcia, assessor de Lula, conseguiu o compromisso do Vice-Presidente Álvaro García Linera de “congelar” a Resolução Ministerial 207, pela qual a YPFB, em cumprimento do Decreto da Nacionalização, tomava o controle da comercialização do petróleo cru que entra nas refinarias da Petrobrás e a propriedade dos produtos refinados”, explica Andrés Soliz Rada, ex-ministro boliviano de Energia do governo Evo Morales. Confira a reprodução da entrevista nas *Notícias Diárias* da página do IHU, no dia 7-12-2006.

Artigo do jornalista Milton Coelho da Graça

Título: Mas que mancada, dona Imprensa!

Milton Coelho da Graça, 76, jornalista, ex- editor-chefe de *O Globo*, em artigo publicado no site comunique-se comenta a tramitação rápida do projeto de lei sobre a penhora de salário e casa. Confira a reprodução da entrevista nas *Notícias Diárias* da página do IHU, no dia 7-12-2006.

Artigo do jornalista Pedro Carano

Título: Dois Méxicos.

Existem dois Méxicos hoje: o de cima e o de baixo, para usar uma expressão zapatista que está refletida nas palavras da gente comum no dia-a-dia da capital e nos artigos dos jornais, especificamente do *La Jornada*, o único que segue com credibilidade entre as pessoas conscientes e os movimentos sociais. Complementar com sexta, sábado e domingo. Confira o artigo na íntegra nas *Notícias Diárias* do dia 7-12-2006, no sítio do IHU

(www.unisinos.br/ihu).

Frases da semana

Ieda e Feijó

“Não tenho sido consultado pela governadora. Eu não agiria dessa forma” -- **Paulo Feijó**, vice-governador eleito do RS pelo PFL - **Zero Hora**, 5-12-2006.

“Quero ser ativo e contribuir nesse processo. Fui eleito para isso. Não foi só ela que foi eleita. Também fui eleito. Tenho certeza de que muita gente apostou e aposta em mim para contribuir nas mudanças necessárias para o Estado” - **Paulo Feijó**, vice-governador eleito do RS pelo PFL - **Zero Hora**, 5-12-2006.

Salário mínimo e o salário do CNMP

“Não deixa de ser surrealista que o debate sobre o valor do salário mínimo de 2007 tenha esquentado no dia em que o Conselho Nacional do Ministério Público empurrou de R\$ 22,1 mil para R\$ 24,5 mil o teto de promotores e procuradores nos Estados” - **Rosane de Oliveira**, jornalista - **Zero Hora**, 5-12-2006.

Marisa e o Itaú

"Roberto, você pode ficar de pé para a minha mulher saber quem é o presidente do banco dela?" - **Lula**, numa reunião com empresários, pede a **Roberto Setubal**, do Itaú para ficar de pé - em "**Atos - A Campanha Pública de Lula**", do cineasta João Moreira Salles - **Folha de S. Paulo**, 5-12-2006.

Globo

"A Globo, acredito, é uma ameaça à democracia brasileira" - **Paulo Henrique Amorim**, no blog **Conversa Afiada**, 5-12-2006.

A esquerda e os EUA

"A esquerda da América Latina mudou - Lula não é o mesmo Lula de 4 anos atrás, Ortega não é o mesmo Ortega da época do sandinismo" - **Peter Hakim**, presidente do Diálogo Inter-Americano, grupo de estudos hemisféricos com sede em Washington - **O Estado de S. Paulo**, 7-12-2006.

"Enquanto o petróleo da Venezuela continuar fluindo e a Chevron mantiver seu lobby pró-Venezuela, não vejo grande possibilidade de rompantes dos EUA" - **Michael Shifter**, professor de política latino-americana na Universidade Georgetown - **O Estado de S. Paulo**, 7-12-2006.

Empregos

"É o câmbio, portanto, que explica o dinamismo das importações. Uma parte crescente das despesas com bens de consumo, bens intermediários e bens de capital está sendo direcionada para as importações. Em outras palavras, estamos substituindo produtos brasileiros por produtos estrangeiros, destruindo empregos no Brasil e criando empregos no exterior. Lamentável." - **Paulo Nogueira Batista Jr**, economista - **Folha de S. Paulo**, 7-12-2006.

Minas e SC

Florianópolis é a única cidade do mundo que tem mulher bonita até em ponto de ônibus” - **Aécio Neves**, governador de Minas Gerais pelo PSDB, despachando na praia da Joaquina - *O Globo*, 9-12-2006.

Lula não acredita

“Não acredito que o senhor, militar há tanto tempo, não previu isso (a pane)” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República ao comandante da Aeronáutica, Luiz Carlos Bueno - *O Estado de S. Paulo*, 9-12-2006.

Eventos

Direito Natural, Ética e hermenêutica

SALA DE LEITURA

*Fazer uma leitura prática e atual do Direito Natural, apresentando-o de forma mais concreta e próxima do convívio das pessoas na sociedade, é a proposta do livro **Direito Natural, Ética e Hermenêutica** (Livraria do Advogado Editora, 2006), de Wilson Engelmann. O livro será apresentado no próximo Sala de Leitura, que acontece dia 12-12. Engelmann é doutor em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Unisinos. O evento será na sala 1G119 às 17h.*

Sala de Leitura



O Anjo Pornográfico - A vida de Nelson Rodrigues, de Ruy Castro. (São Paulo: Companhia das Letras, 1992). O jornalista Nelson Rodrigues (1912-1980) é conhecido, sobretudo, como

dramaturgo, mas, antes de tudo, é um importante capítulo da história do jornalismo brasileiro. Estou na metade da leitura de *O Anjo Pornográfico*, que, sem dúvida, será uma boa leitura para as férias. O texto de Ruy Castro é extremamente estimulante. Por meio de entrevistas com 125 pessoas, ele reconstituiu a trajetória do autor, desde as bases familiares, contando as vidas do avô “Barba de fogo” e o pai Mário Rodrigues, responsável

pelo panfleto *Diário de Pernambuco*. Aos oito anos, Nelson, em redação escolar, já tratou de um tema que seria o seu favorito como redator, o adultério. Um dos fatos marcantes de sua existência, porém, foi o assassinato de seu irmão, o ilustrador Roberto Falcão Rodrigues (1906-1929), morto por vingança na redação do jornal, por Sylvia Seraphim, em virtude de uma matéria. Essa motivou a manchete *Entra hoje em juízo nesta capital um rumoroso pedido de desquite*. Especulava um possível adultério e era ilustrada, na capa, com o desenho de uma mulher e um médico, examinando suas pernas. A morte do irmão desenhista marcou profundamente Nelson, com 17 anos de idade na data.

Professor MS. Gilmar Hermes, da Unidade Acadêmica de Ciências da Comunicação da Unisinos

Errata

Na edição número 207 da *Revista IHU On-Line*, de 4 de dezembro de 2006, a resenha do Livro da Semana foi publicada originalmente na *Revista Filosofia*, volume 7, nº 2, da Unisinos. Pedimos desculpas pela omissão da fonte.

IHU Repórter

Silvana de Lima dos Santos

Funcionária da Associação de Funcionários da Unisinos (AFU) há 15 anos, Silvana de Lima dos Santos adora o contato com as pessoas. “Tenho uma família na Unisinos”. Muito apegada à família, Silvana tem ela por perto, em Portão, cidade onde mora desde que nasceu. Na infância, participava ativamente das atividades escolares e brincava diariamente de bonecas. Hoje, é casada e tem um filho de onze anos, Gabriel, paixão da sua vida. Conheça um pouco mais na entrevista que segue.

Origens - Nasci em São Leopoldo, mas, com uma semana de vida, fui para Portão, já batizada, onde fui registrada. Moro há 42 anos lá.

Família - Tenho um casal de irmãos mais velhos e pais maravilhosos.

Infância - Minha infância foi ótima. Sempre tive minha mãe em casa, cuidando de nós. Pão caseiro, geléia, doces com gosto de carinho. Poucos brinquedos comprados, mas muitas brincadeiras e jogos. Meu pai, hoje aposentado, trabalhava em uma madeireira. Costumava brincar muito de bonecas, mas sozinha. Minha irmã brincava mais com as amigas, e eu era mais caseira. Lembro em especial da minha boneca Susie, que tenho até hoje, muito mais bonita do que as atuais. Brinquei de casinha e boneca até os 12 anos.

Estudos - Estudava em uma escola municipal perto da minha casa em Portão. Era uma época diferente, não tínhamos o movimento de hoje na cidade. Minha professora da segunda série mora hoje na minha rua e me dou muito bem com ela, na verdade, trocamos figurinhas. Participava de tudo na escola: banda, coral, campeonatos, dança, tudo que era possível. Adorava praticar handebol nessa época.

Férias - Costumava passar férias na casa de minha madrinha, uma segunda mãe, em São Leopoldo, junto com três primos. Brincávamos de taco, carrinho de

lomba, bafo e futebol. Também passava na casa dos meus avós, onde nasci, no bairro Fião, São Leopoldo. Adorava. Hoje, minha avó, com 88 anos, é viúva e mora nos fundos do meu terreno. Moram também na mesma rua que eu minha irmã e meus pais.

Casamento - Casei com a AFU, em primeiro de abril de 1992, e com meu marido, em 25 do mesmo mês e ano. Quase quinze anos nos dois casamentos. Conheci meu marido, quando gerenciava uma loja de móveis em Portão, e ele gerenciava uma loja em frente a minha. Em menos de dois anos, nos casamos.

Filhos - Tenho um filho, Gabriel, que tem onze anos. É uma criança carinhosa e amorosa. Foi um filho planejado. Ele gosta muito de dizer o quanto gosta das pessoas, de abraçar e beijar. Planejamos na verdade ter dois filhos, mas não deu certo, desistimos.

Trabalho - Meu primeiro emprego foi no comércio em Portão, seguido do meu trabalho no cartório, onde fiquei quatro anos. Depois retornei ao comércio, de onde só saí quando vim trabalhar aqui na AFU.

AFU - Estou de apoio à nona diretoria da AFU. Entrei em 1992, tendo a AFU começado em 1986. Ela cresceu com o tempo, hoje está bem estruturada, inclusive com uma sede campestre. Gostaria que a associação contasse com maior ajuda da universidade. Aqui tenho uma

família, do convívio com os associados. Dentro de um espaço como é o câmpus da Universidade, criamos muitos laços. Já ensinei a algumas associadas a bordar ou fazer crochê e tricô. Na época em que entrei, a Unisinos não estava contratando, mas uma pessoa que conhecia perguntou se eu gostaria de trabalhar na Associação dos Funcionários. Fiz os testes e estou aqui até hoje. Tenho onze afilhados, dois deles, frutos de amizades com funcionários daqui. Aprendi muito com as pessoas que conheci nesses quase quinze anos, é bastante gratificante. Hoje convivo com uma colega que é muito mais do que colega, é uma verdadeira amiga.

Horas Livres - Dedico minhas horas livres à minha família, ao meu filho, às minhas folhagens, aos amigos e ao artesanato. Não tenho como deixar nenhuma dessas paixões de fora. Tomo chimarrão todos os dias, no final de tarde com a minha mãe, minha avó e meus sobrinhos e filho nos acompanhando. Tenho sempre presente à minha volta um beija-flor que criei dentro de casa.

Artesanato - Tive várias fases no artesanato. Fiz ponto cruz por muito tempo, aprendi aqui dentro e ensinei diversas pessoas. Tanto estudantes dentro do ônibus ou pessoas que vinham à AFU. Tem uma funcionária da Unisinos que diz que sou a “madrinha dos bordados dela”, porque a ensinei. Faço crochê, tricô, bordados, costuro e decoro peças de madeira. Hoje estou me dedicando ao artesanato em madeira. Não estou aceitando encomendas porque não tenho muito tempo para fazer outras coisas que gosto nessa época do ano, como a novena de natal. Já fiz também decorações, filmagens e fotos de festas infantis, salgados e doces. De tudo um pouco.

Tentativas - Estava há oito anos sem estudar quando entrei na Unisinos e prestei vestibular para Serviço Social. Pensei que não iria passar e acabei sendo

aprovada em sexto lugar. Estudei dois semestres e parei. Não sei bem por quê. Talvez porque fui pega de surpresa e não tinha intenção de estudar. Depois de doze anos prestei vestibular novamente para Nutrição e passei. Estudei um tempo e parei. Meu filho questionava a minha ausência nessa época, já que meu esposo trabalha à noite. Nesse mesmo período, meu pai esteve muito doente. Sou muito apegada à minha família. Acho que é tudo válido em relação à família. Acredito que eu não volte a estudar, quem sabe ...

Viagens - Sempre viajo durante as férias para a praia, mas nem sempre é possível na companhia do meu esposo, pois não conseguimos férias no mesmo período. Ele tirou esse ano em novembro e eu tiro em fevereiro. Veraneio com meu filho e às vezes com amigos, funcionários da Universidade. Meus pais não me acompanham por opção.

Lembranças - Temos uma turma que se reúne no bar em frente à Unisinos durante o ano, por diversos motivos, muitos dos quais inventamos. Dizemos que é pela Páscoa, pelo Natal, início de semestre, final de semestre, dia das bruxas. Festejamos até um aniversário sem ninguém do grupo estar comemorando a data. É um motivo para sair um pouco do ambiente de trabalho e relaxar. Todo dia 31 de outubro, nos vestimos de preto, uma turma, e tiramos foto no meio do centro comunitário, num faz de conta: “somos bruxas”, acredite quem quiser.

Música - Gosto de qualquer tipo de música, dependendo da ocasião.

Livro - Um livro que li muitas vezes é O Caso dos Dez Negrinhos, da Agatha Christie. Li muitas obras dela, uma coletânea. Ela escreve maravilhosamente, misteriosamente.

Filme - As Férias da Minha Vida, de Wayne Wang, com a atriz Queen Latifah, é um filme que ensina bastante. O filme conta a história de uma pessoa que descobre que tem pouco tempo de vida e junta todo seu dinheiro e vai “curtir a vida”. O que a personagem não sabe é que foi um erro no exame. Nesse tempo, ela entre em contato com muitas pessoas de vários níveis sociais, conquistando muitos e ensinando mais ainda.

Dia Perfeito - Pode ser de sol ou de chuva, o que importa é ter tranquilidade, paz de espírito e a família por perto.

Futuro - Quero criar meu filho, construir uma casa nova e fazer mais amizades. Também espero poder me aposentar aqui na AFU. Não programo muito. As coisas vão acontecendo.

Política - Não queria que o partido que se reelegeu para o governo federal tivesse continuado no poder. Não sei se o que viria no lugar não seria ainda pior. São muitas incertezas. Não gostei dos resultados, mas tenho que aceitá-los. Tomara que eu esteja enganada.

Unisinos - Quando chegamos à Unisinos não temos idéia de como é estudar e trabalhar aqui. A Universidade passa por uma fase difícil assim como o País. Ela ainda é

um ponto de referência muito importante. Fala-se que muitas pessoas deixaram de estudar aqui, mas acho que foi pela crise financeira imposta e não pela qualidade do ensino, que continua muito bom. Temos um espaço maravilhoso, um câmpus invejável. Tenho paixão pela natureza, tão presente aqui.

Instituto Humanitas Unisinos - Tive contato com o Instituto em uma outra época quando fazíamos juntos a campanha do agasalho. Atendemos a várias entidades. O Humanitas contribui muito com esse tipo de trabalho, valorizando o lado humano, e, certa ocasião, fui convidada para apoiar a campanha. Hoje, com o apoio de muitos, faço-a pela A.F.U. Sou grande apreciadora e divulgadora da revista do Instituto, inclusive com alunos dentro e fora da Universidade que precisavam de material para trabalhos. Sempre encontro o que precisam, muitas matérias atuais ou não, interessantes sempre, de validade ímpar.